UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA
RUSSA

LIA NOGUEIRA MARQUES

A Ilha de Sacalina de Tchékhov: a construção do olhar
científico e literário no relato de viagem

Versão Corrigida

São Paulo

2018

LIA NOGUEIRA MARQUES

A Ilha de Sacalina de Tchékhov: a construção do olhar
científico e literário no relato de viagem

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Arlete Orlando Cavaliere.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M298i   Marques, Lia Nogueira
              A Ilha de Sacalina de Tchékhov: a construção do
              olhar científico e literário no relato de viagem /
              Lia Nogueira Marques ; orientador Arlete Orlando
              Cavaliere. – São Paulo, 2018.
              97 f.

Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Anton Tchékhov. 2. Literatura russa. 3. Colônia
penal. I. Cavaliere, Arlete Orlando, orient. II.
Título.

MARQUES, Lia Nogueira.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Arlete Orlando Cavaliere.

Ao Prof. Dr. Bruno Gomide e ao Prof. Dr. Mário Ramos, pelas valiosas contribuições, sugestões e correções na minha qualificação, indicando o melhor caminho a ser tomado.

Aos meus colegas de graduação, mestrado e para a vida toda: Eloah Pina Pereira, Henrique Gomes Lucas Santos e Yuri Martins de Oliveira, que me ajudaram e deram força e carinho nesses três (sete) anos.

Aos meus pais, Gessé e Vanda, e à minha irmã, Helena, por sempre me lembrarem de continuar a nadar mesmo que o mundo seja um moinho. Aos meus avós, Gessé (*in memoriam*), Haydée e Vera, pelas orações, às minhas tias, Heloísa e Elsie, pela força, e às minhas primas, Izabela Motta e Marina Rassi.

À minha melhor amiga de infância, Júlia Tessler, por estar comigo desde sempre. Aos meus amigos do interior (de casa), pelas energias positivas: Eduardo Moraes, Marina Ferreira, Jéssica Queiroz, Vinicius Pierre, Octávio Santos, Hugo Tinini e João Henrique Darcie.

À Jeniffer Butarelo e ao Richarde Júnior, pelas palavras sempre tão amigas e amorosas.

À Jacqueline Lotuffo, por ser o meu porto seguro.

Ao Lucas Rodrigues Peres, meu irmão do coração.

À Nádia Medeiros que dividiu o teto, as alegrias e as angústias comigo e ao Anderson Visconti, pelo apoio na reta final.

Ao Peter Slegtenhorst por me dar forças mesmo do outro lado do oceano.

À Elen Durando, pela revisão do texto e, principalmente, pela amizade.

Aos meus companheiros de trabalho da Editora Perspectiva pela luta de cada dia. Ao Prof. Dr. J. Guinsburg, por me lembrar de “não confiar nesse Tchékhev, não” e dizer que “não existe tentar, existe fazer, mesmo que não dê certo”.

Em especial, à Elena Vasilevich, não apenas por me ensinar russo e por me ajudar a ler os artigos, mas pela paciência, força, apoio semanal e, acima de tudo, por dividir comigo seu amor por Tchékhev.

Sobre todas as coisas, a Deus.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Universidade de São Paulo.

RESUMO

A Ilha de Sacalina é resultado da viagem do escritor russo Anton Tchékhov à colônia penal de Sacalina, em 1890, e o relato completo foi publicado em 1895, rico em detalhes demográficos e observações sobre os habitantes do local. Este trabalho apresenta a análise da obra a partir da figura do narrador e de seu olhar marcado pela ciência e pela literatura. Tchékhov construiu um narrador em primeira pessoa com base em suas duas profissões e, consequentemente, identidades: a do médico e a do escritor. Da ciência para a literatura, da população para o indivíduo, da natureza para uma casa, do macro para o micro, o narrador integra um texto objetivo com o subjetivo para fazer uma crítica ao sistema penal russo. O olhar científico herdado da medicina é exposto ao lado da perspectiva subjetiva da literatura e o resultado dessa união é a asseveração de um inferno simbólico e real tanto para os habitantes da colônia como para o próprio narrador.

Palavras-chave:

Anton Tchékhov; literatura russa; colônia penal; *A Ilha de Sacalina*.

Master's dissertation – Faculty of Philosophy, Literature and Human Sciences,
University of São Paulo.

ABSTRACT

Sakhalin Island is the result of the Russian writer Anton Chekhov's trip to the penal colony of Sacalina in 1890. The complete report was published in 1895, rich in demographic details and observations on the inhabitants of the place. This dissertation presents an analysis of the book from the figure of the narrator and his look marked by science and literature. Chekhov constructed a first person narrator based on his two professions and, consequently, identities: the doctor and the writer. From science to literature, from population to an individual, from nature to a house, from macro to micro, the narrator integrates an objective text with the subjective one to criticize the Russian penal system. The scientific look inherited from medicine is exposed alongside the subjective, literature perspective and the result of this union is an assertion of a symbolic and real hell for both the inhabitants of the colony and the narrator himself.

Keywords:

Anton Chekhov; Russian literatura; penal colony; *Sakhalin Island*

Жалею, что я не сентиментален, а то я сказал бы, что в места, подобные Сахалину, мы должны ездить на поклонение, как турки ездят в Мекку, а моряки и тюрьмоведы должны глядеть, в частности, на Сахалин, как военные на Севастополь. Из книг, которые я прочел и читаю, видно, что мы сгноили в тюрьмах миллионы людей, сгноили зря, без рассуждения, варварски; мы гоняли людей по холоду в кандалах десятки тысяч верст, заражали сифилисом, развращали, размножали преступников и всё это сваливали на тюремных красноносых смотрителей. Теперь вся образованная Европа знает, что виноваты не смотрители, а все мы, но нам до этого дела нет, это неинтересно.

Чехов — Суворину А. С., 9 марта 1890.

Lamento não ser sentimental, pois então eu diria que a lugares como Sacalina nós devemos ir em peregrinação, como os turcos vão a Meca; os marinheiros e os responsáveis pelos presídios, em particular, devem olhar para Sacalina, como os militares, para Sebastópol. Pelos livros que li e estou lendo, constata-se que deixamos apodrecer milhões de pessoas nas prisões, deixamos apodrecer à toa, sem razão, de maneira bárbara; fizemos pessoas algemadas correr no frio dezenas de milhares de versts, transmitimos sífilis, corrompemos, multiplicamos os criminosos, e tudo isso imputamos aos carcereiros de nariz vermelho. Atualmente, toda a Europa culta sabe que os culpados não são os carcereiros e sim nós, mas nós não temos nada a ver com esse assunto, isso não interessa.

Carta a Suvórin, 9 de março de 1890 (tradução de S. Angelides).

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 – A Ilha de Tchékhov	14
1.1. A Ilha de Sacalina	14
1.1.1 Geografia e História.....	14
1.1.2 Os Grupos Étnicos	17
1.2. A Colônia Penal.....	19
1.3. Tchékhov e a Ilha.....	20
1.4. Rússia?	22
Capítulo 2 – O Médico	27
3.1. As Anedotas.....	35
3.2. O Conto de Egor	38
3.4. Os Castigos de Prókhorov	46
3.4. O Humor de Tchékhov	50
3.4. O Mar e a Natureza no Narrador	58
Capítulo 4 – O Inferno	63
4.1. O Inferno do Narrador	64
4.2. Os Mortos Não Voltam do Cemitério.....	69
4.3. O Inferno Como Crítica Social	78
Considerações Finais	85
Bibliografia	89
Anexo 1: Rússia (Moscou e Ilha de Sacalina) 1:1000km.....	95
Anexo 2: Ilha de Sacalina 1:100km.....	97

Introdução

A razão pela qual me interessei por *A Ilha de Sacalina* e a razão deste trabalho foi, em um primeiro momento, sentir que o texto era deslocado da obra de Tchékhov. No início, julguei que o livro não estava em consonância com o restante das peças e contos do escritor russo e, assim, me propus a investigar quais eram as características que o diferenciavam e quem era Tchékhov nessa obra. Para adentrar essa investigação, no entanto, é preciso conhecer um pouco mais sobre a estrutura e o enredo da obra.

A Ilha de Sacalina se estrutura da seguinte forma: do capítulo I ao capítulo XIV, acompanhamos a viagem do narrador em Sacalina a partir da cidade de Nikoláievsk, bem como suas visitas a cada um dos distritos da ilha – ele inicia sua viagem em Aleksandrovsk, na porção norte, e finaliza em Korsákovsk, no sul – e as observações e descrições específicas desses locais. Essa parte é estruturada em função do movimento do narrador pela ilha. A segunda parte não apresenta uma estrutura linear como a primeira, mas uma divisão em tópicos que dizem respeito à organização do local e aos seus problemas. Tchékhov afirma que a primeira parte concerne às questões de povoamento da região e a segunda parte, em suas palavras, aos detalhes que compõem a vida na colônia.

O narrador é o fio condutor da parte inicial. Acompanhamos sua viagem pelos distritos, nos quais ele descreve a paisagem, as cidades, as prisões e as anedotas dos moradores da ilha. É na parte das questões de povoamento que somos apresentados ao seu cotidiano, às reuniões de que o escritor participa, aos diálogos que ele recria com os habitantes. Tchékhov faz aí grandes críticas à administração da colônia, principalmente no distrito de Duí, cuja maior atividade econômica é a extração do carvão. O contato com os trabalhadores nas minas e com suas famílias o leva não somente a avaliar a forma como a exploração ocorre na ilha como também a questionar a empresa privada responsável pelo serviço e o descaso do governo russo. O narrador chega a dizer que, enquanto os ricos tomam chá em São Petersburgo, os pobres trabalham e os vigilantes enganam seus superiores.

O seu olhar humanitário se faz presente na primeira metade, ao dar atenção aos moradores, sejam eles nativos, funcionários, cidadãos livres, colonos ou prisioneiros. As descrições das habitações e presídios revelam o médico que viajou até Sacalina, onde

ele observa a higiene, a ventilação, as atividades exercidas, as consequências nos prisioneiros acorrentados e os curativos feitos, pois o narrador apresenta os problemas e suas implicações na saúde dos habitantes da região. Concomitantemente, ele recria os diálogos com alguns prisioneiros e conta as anedotas dos habitantes de cada distrito. Porém, ao observar a natureza, os sentimentos e as angústias do narrador vêm à tona, tanto é que o último capítulo da parte inicial se encerra com ele observando o mar e revelando sua preocupação com o futuro. Mas, ainda que esteja angustiado, seu desejo é de ficar em estado de contemplação, sem se importar com o tempo.

A segunda parte tem um caráter mais científico e funciona como um trabalho de conclusão, a partir da pesquisa realizada para conhecer os distritos e a população de Sacalina; é o que Tchékhov chamou de detalhes da vida na colônia. Os nove capítulos dessa parte são divididos em tópicos: o capítulo XV trata da organização populacional e econômica da região, a hierarquia dos prisioneiros e as mudanças de *status* e como a administração organiza a divisão da população nos distritos da ilha; o capítulo XVI estuda a população feminina e suas dificuldades; o capítulo XVII é sobre a faixa etária na colônia e as organizações sociais, tais quais os casamentos e a criação dos filhos; o capítulo XVIII é dedicado às atividades dos deportados; o capítulo XIX faz uma análise sobre alimentação, religião e nível de instrução; a população livre é o tema do capítulo XX; o capítulo XXI concentra-se na criminalidade e nas punições na ilha; as evasões são o foco do capítulo XXII; e, por fim, a saúde, a organização médica e a mortalidade na ilha são o tema do último capítulo.

Nessa segunda parte, o narrador se abstém e não dá detalhes acerca de seus sentimentos: aqui ele é o cientista que apresenta suas conclusões. Entretanto, as anedotas ainda têm destaque, pois são ilustrações dos problemas e realidades sociais que Tchékhov apresenta por meio de dados.

Para Natalia Pervukhin, Tchékhov criou uma prosa documental (*prose of documents/документальная проза*) a partir de uma “investigação literária” (*literary investigation*) que se origina de um retrato da realidade, em que as estatísticas, os fatos e o recenseamento da ilha têm a mesma importância das pequenas anedotas e das digressões literárias do narrador.

Há um relato objetivo dos fatos com um discurso subjetivo, e essa união, por trazer os “fatos puros” e as digressões literárias em um mesmo patamar, dá ao relato da viagem um caráter emocional.

Conhecendo a estrutura e o enredo de *A Ilha de Sacalina*, pode-se notar, então, que o narrador tem fundamental importância, e é em suas modulações que o presente trabalho se baseará. Isso porque, ao ler Tchékhov, estamos acostumados a um narrador quase ausente, sem opinião própria explícita, sem bandeiras sociais, políticas e filosóficas. Todavia, na obra em questão, o narrador é o próprio Tchékhov, e ele, como narrador-personagem, é o fio condutor de seu relato. No contexto de Sacalina, o escritor russo é explícito ao condenar o sistema penal russo, o funcionamento da colônia penal e a administração da ilha, assim como os responsáveis por ela em São Petersburgo.

Na obra, o deslocamento é mais do que literário, afinal é o resultado da exaustiva viagem do autor até “o fim do mundo”, como ele próprio define a região. Trata-se do deslocamento do médico em direção à medicina, é o deslocamento do escritor em direção às narrativas dos exilados, daqueles que já estão deslocados do país.

Ao encontrar o “outro” na ilha, Tchékhov constrói um narrador em primeira pessoa em suas duas profissões e, conseqüentemente, identidades: o médico e o escritor. O olhar científico e objetivo herdado da medicina é exposto ao lado da perspectiva subjetiva da literatura, que permite uma aproximação com o diferente, sem cair em avaliações morais.

Sendo assim, *A Ilha de Sacalina* não é apenas o relato da viagem de Anton Tchékhov, mas a descoberta de diferentes narrativas de viagem de cada um dos habitantes com quem conversou durante os três meses em que permaneceu no local. O resultado dessas conversas é a asseveração de um inferno simbólico e real tanto para os habitantes como para o narrador, que intensifica sua compreensão de que Sacalina é um não lugar, não é Rússia e é lugar de passagem para as pessoas. Seja daqueles que podem sair, como os funcionários, os cidadãos livres e o próprio Tchékhov, seja dos exilados, que aguardam a morte e sua viagem final.

Para mostrar todas essas características e as peculiaridades do texto, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro é um relato da geografia e história da ilha e de como o narrador começa a enxergar o não lugar em Sacalina, a partir de sua própria compreensão e do relato dos outros.

O segundo capítulo tem como foco as passagens médicas do autor. Durante sua visita à região, ele realizou uma pesquisa científica e visitou cada isbá e presídio do território para avaliar, como médico, as condições da ilha.

O terceiro capítulo é voltado à figura do narrador e ao modo como ele relata o indivíduo dentro da massa carcerária por meio das anedotas. Dois prisioneiros têm

especial destaque para o narrador. O primeiro é Egor, que trabalhava em uma das casas em que Tchékhov se hospedou, e o segundo é Prókhorov, com quem o escritor não conversou, mas presenciou o prisioneiro sendo castigado por assassinato.

Ainda em busca das razões da diferença entre Sacalina e o restante da obra tchekhoviana, nesse capítulo é importante notar a construção literária do narrador em dois pontos relacionados à obra geral do autor: a natureza e o humor. A natureza é o meio pelo qual o narrador expressa seus sentimentos em Sacalina, enquanto o humor não é tão explícito aqui como em outras obras, pois o próprio narrador o condena, como será explicado adiante. Ele se faz presente para quebrar as expectativas e para reforçar a tragédia da prisão.

O quarto e último capítulo é sobre a caracterização de Sacalina como um inferno real, que emerge de três formas: quando o narrador concentra-se em si mesmo e, a partir de sua visão, configura-se o inferno; quando o narrador, por meio dos diálogos e anedotas, transfere o ponto de vista para os habitantes da ilha e eles apresentam o inferno; e, por fim, como a relação entre o médico e o escritor permite que o inferno construído seja real e transpareça nas críticas ao governo russo, que Tchékhov faz com veemência.

Para a leitura e a análise de *A Ilha de Sacalina*, que deram corpo a este trabalho, a tradução utilizada foi a portuguesa – que não foi feita diretamente do russo – publicada em 2011 pela editora Relógio D'água, em Lisboa. Infelizmente, não há uma tradução direta para o português brasileiro acessível ao público até o momento de publicação deste trabalho. Entretanto, não é objetivo desta dissertação discutir os problemas de tradução na edição utilizada, mas analisar um narrador tchekhoviano inusitado, diferente do que se vê no restante da obra em prosa, e, por consequência, desvendar o que há de peculiar e de familiar em *A Ilha de Sacalina*.

Capítulo 1 – A Ilha de Tchékhov

– Не пора ли назад? – спрашиваю кучера.

Кучер-каторжный поворачивает лошадей, потом оглядывается на горы и огни и говорит:

– Скучно здесь, ваше высокоблагородие. У нас в России лучше.

– E se déssemos meia-volta? – disse eu ao cocheiro.

O cocheiro, que também era um condenado, fez com que os cavalos arrepiassem e, voltando-se para a montanha e para os fogos, disse-me:

– Vossa excelência também não acha isto aqui muito alegre, pois não?

Na nossa terra, na Rússia, é melhor.¹

1.1. A Ilha de Sacalina

1.1.1 Geografia e História

A ilha de Sacalina se localiza no extremo leste da Rússia, próxima ao Japão, no mar de Okhótski, a uma distância de 1.000 verstas da costa da Sibéria e da foz do rio Amur. Ela é assim chamada justamente por sua proximidade com o rio, que em Manchu é nomeado de Sahaliyan ula, rio preto. Divide-se em Sacalina do Norte (a primeira a ser explorada por Tchékhov) e Sacalina do Sul [ver mapas nos Anexo 1 e 2].

O clima da região é bastante rigoroso, com temperatura média de 0° C, e extremamente úmido, por conta da alta taxa pluviométrica. Em janeiro (o mês mais frio), a temperatura média é -18,9°C e em agosto (o mês mais quente), 17°C². As precipitações ocorrem, em média, duzentos dias por ano, e o clima marítimo causa umidade intensa. Em seus relatos, Tchékhov queixa-se constantemente da umidade e define a ilha unicamente por um clima ruim:

¹ Антон Чехов, **Остров Сахалин: Очерки; Питерби записки; Рассказы**. Москва: Эксмо, 2009, p. 73. Anton Tchékhov, **A Ilha de Sacalina**, Lisboa: Relógio D'água, 2011, p. 40.

² **Остров Сахалин**, p. 122-123; **A Ilha de Sacalina**, p. 82.

Владивостокский городской голова как-то сказал мне, что у них во Владивостоке и вообще по всему восточному побережью "нет никакого климата", про Сахалин же говорят, что климата здесь нет, а есть дурная погода, и что этот остров - самое ненастное место в России.

O presidente da câmara de Vladivostok disse-me um dia que a sua cidade e, em geral, toda a costa oriental da Sibéria, “não tinham clima nenhum, nenhum”; o mesmo pode se dizer de Sacalina: não tem clima nenhum, só tem o mau tempo e a Ilha é o lugar de toda a Rússia mais batido pelas tempestades.³

O clima rigoroso dificultou a navegação e o reconhecimento da ilha e, portanto, durante alguns anos os mapas europeus consideraram Sacalina uma península.

Os japoneses, que, desde o início, reconheceram o território como ilha e não como península, iniciaram a exploração no ano de 1613. Ainda que eles alegassem a soberania sobre o território, a Europa não reconhecia a possessão japonesa e não dava importância à ilha. Por conta disso, a Rússia invadiu a região, realizou estudos e mapeamentos, e deu início ao processo de colonização. As disputas entre Japão e Rússia sobre o território se estenderam até 1875, e ainda houve conflitos posteriores à viagem de Tchékhov, durante a Guerra Russo-Japonesa e a Segunda Guerra Mundial.

Embora tenha havido diversas tentativas de invasão da ilha pelos russos, mongóis e jesuítas, além dos japoneses, foi com o explorador francês La Pérouse, em 1787, que ela entrou para os mapas europeus. Pérouse fez contato com dois dos grupos étnicos de Sacalina, os ainos e os guiliáks, com quem negociou ajuda para explorar o território. Na época, explicaram-lhe que ela era separada do continente asiático e do Japão por estreitos, reforçando a ideia de que seria uma península.

Em 1782, o explorador inglês V. Broughton, que conseguiu navegar mais ao norte que La Pérouse, também concluiu que Sacalina era uma península. O equívoco continuou com o navegador russo Krusenstern, que seguia o mapa dos exploradores europeus, entretanto chegou a anotar que o local poderia ter sido uma ilha em um passado recente.

Preocupados com a “ameaça europeia”, os japoneses proclamaram a ilha como parte de seu império em 1807, mas a Rússia continuou a não respeitar a soberania

---

³ *Остров Сахалин*, p. 122; *A Ilha de Sacalina*, p. 82.

japonesa, de tal forma que, em 1845, os japoneses declaram mais uma vez que tanto Sacalina como as ilhas Curilas pertenciam ao seu império.

Foi apenas em 1849 que outro explorador russo, Nevelskói, corrigiu o erro e apresentou em São Petersburgo sua descoberta de que Sacalina era uma ilha. No mesmo ano, o império russo iniciou a exploração e a colonização da região após terem descoberto carvão ali⁴.

Em 1855, foi assinado o Tratado de Shinoda, no qual era estabelecida a divisão da ilha: o norte (onde se localizam as minas de carvão) pertenceria à Rússia e o sul, ao Japão.

Para que a exploração do carvão fosse possível, os russos enviaram prisioneiros da Sibéria para Sacalina, além de alguns cidadãos livres. Pelas condições climáticas e a distância da capital, o contingente não foi suficiente para exploração e colonização da ilha, sendo assim, estabeleceu-se uma colônia penal (em russo, *каторга* [kátorga]) em 1863, que funcionaria até 1906, dezesseis anos após a visita de Anton Tchékhov⁵.

Estabelecidas ainda no século XVII, as colônias penais eram uma forma de punição amplamente usada no sistema penal russo⁶. Os condenados, fossem por crimes civis ou políticos, eram enviados a campos de trabalho forçado em locais de exploração (como em Sacalina, por conta do carvão), nos quais o contingente necessário para a extração de minérios não havia sido atingido. Além disso, representavam a força e a autoridade do governo russo, que exilava seus prisioneiros nas piores condições de trabalho forçado, fome e frio para demonstrar poder.

O Japão tentou mais de uma vez recuperar o território, porém, em 1875, os dois impérios assinaram o Tratado de São Petersburgo, no qual se decidiu que o Japão ficaria com a posse das ilhas Curilas, enquanto a Rússia tomaria posse oficialmente de todo o território da ilha de Sacalina, que pertence à Federação Russa até os dias atuais.

---

⁴ Andre A. Gentes, “No Kind of Liberal: Alexander II and the Sakhalin Penal Colony”, *Jahrbücher für Geschichte Osteuropas*, p. 328.

⁵ Ibidem, p. 329.

⁶ Ibidem.

1.1.2 Os Grupos Étnicos

Havia três grupos étnicos nativos em Sacalina: os ainos, ao sul; os guiliáks (também conhecidos como nivkhs), nas costas orientais e ocidentais ao norte; e os oroks, em menor número, no nordeste da região. Tchékhov teve contato com os ainos (descritos no capítulo XIV) e com os guiliáks (capítulo XI). Em 1890, os oroks viviam isolados e, por isso, o autor não teve contato com eles. Nas porções dedicadas aos grupos étnicos nativos de Sacalina, Tchékhov descreve seus biótipos, moradias, alimentação e organização sociocultural.

Они не воинственны, не терпят насилия; покорять, поработать или вытеснять их было нетрудно. Из Азии их вытеснили монголы, из Ниппона и Матсмая -- японцы, на Сахалине гиляки не пустили их выше Тарайки, на Курильских островах они встретились с казаками и таким образом в конце концов очутились в положении безвыходном. В настоящее время айно, обыкновенно без шапки, босой и в портах, подсученных выше колен, встречаясь с вами по дороге, делает вам реверанс и при этом взглядывает ласково, но грустно и болезненно, как неудачник, и как будто хочет извиниться, что борода у него выросла большая, а он всё еще не сделал себе карьеры.

Não são belicosos, não suportam a violência e por isso foi fácil dominá-los, reduzi-los à escravidão ou expulsá-los. Os mongóis expulsaram-nos da Ásia; os japoneses de Nippon e Matsmai; em Sacalina, os guiliáks não lhes permitiram ir além de Taraika e nas ilhas Curilas tiveram de enfrentar os cossacos. Deste modo, esta gente ficou em um beco sem saída. Hoje, o aino, que costuma andar de cabeça descoberta, descalço e de calças arregaçadas por cima do joelho, ao cruzar-se conosco na rua, faz-nos uma reverência e olha-nos com a doçura triste e dolorosa de uma pessoa infeliz, como se quisesse pedir desculpa de não ter ainda, apesar de sua grande barba, conseguido prosperar.⁷

Tchékhov questiona a exploração desse povo, a forma como os japoneses e os russos não os respeitam e não medem esforços para atingir seus objetivos, e mostra ter

---

⁷ *Остров Сахалин*, p. 240; *A Ilha de Sacalina*, p. 172.

uma grande sensibilidade ao olhar um povo totalmente diferente do seu. Veremos adiante como ele demonstra empatia tanto pelos condenados russos como pelos grupos étnicos da ilha, tentando compreender sua cultura e sofrimento.

O narrador não entende por que russificar a população⁸, sendo enfático ao criticar não só o sistema penal russo como também a colonização desses povos sem o respeito necessário, além de condenar a colonização japonesa, que, durante sua ocupação, fora responsável por submeter os ainos a uma espécie de regime de servidão⁹:

Что близость к тюрьме не обрусит, а лишь вконец развратит гиляков, доказывать не нужно. Они далеки еще до того, чтобы понять наши потребности, и едва ли есть какая-нибудь возможность втолковать им, что каторжных ловят, лишают свободы, ранят и иногда убивают не из прихоти, а в интересах правосудия; они видят в этом лишь насилие, проявление зверства, а себя, вероятно, считают наемными убийцами. *Если уж необходимо обрусить и нельзя обойтись без этого, то, я думаю, при выборе средств для этого надо брать в расчет прежде всего не наши, а их потребности.* Вышеупомнутый приказ о разрешении принимать инородцев в окружной лазарет, выдача пособий мукой и крупой, как было в 1886 г., когда гиляки терпели почему-то голод, и приказ о том, чтоб у них не отбирали имущества за долг, и прощение самого долга (приказ 204-й 1890 г.), - подобные меры, быть может, скорее приведут к цели, чем выдача блях и револьверов.

Não é preciso provar que o contato dos aborígenes com a penitenciária não é um meio de russificação, mas sim um meio de depravação. Os guiliáks ainda não estão em condições de compreender as nossas necessidades e penso que não seremos capazes de os convencer de que, quando capturamos os prisioneiros, quando os privamos de liberdade, quando lhes infligimos feridas e por vezes até quando matamos, não o fazemos por capricho, mas no interesse da justiça. Tudo isso é interpretado por eles como atos de violência, como manifestações de brutalidade e, provavelmente, consideram-se a si próprios como assassinos contratados. *Se a russificação é*

---

⁸ Остров Сахалин, p. 197; A Ilha de Sacalina, p. 139.

⁹ Остров Сахалин, p. 243; A Ilha de Sacalina, p. 170.

verdadeiramente indispensável, parece-me que, ao escolherem-se os meios, se devia ter mais em conta as necessidades dos guiliáks do que as nossas. O decreto que lhes permite o recurso ao hospital militar do distrito, à distribuição de farinha e de sêmola – como se fez em 1886, durante um período de fome de que ignoro as causas –, a ordem de não lhes confiscarem os bens por dívidas, e o perdão dessa dívida (nota de serviço n.º 204, 1890) são algumas das medidas que talvez nos levassem a atingir com mais rapidez o objetivo pretendido do que a distribuição de placas e revólveres.¹⁰

O autor não se estende em suas críticas à forma de tratamento dos russos em relação aos guiliáks e aos aino da mesma maneira que critica o sistema penal russo e a existência da colônia penal como punição aos crimes, todavia não os ignora. Ele retrata suas formas de viver e sua cultura, suas reações diante das ocupações russas e japonesas e dirige um olhar ao outro, ao desconhecido, para poder trazer os russos exilados em Sacalina ao conhecimento das “pessoas no continente” e os dois grupos étnicos abandonados e “russificados” ao conhecimento da população.

1.2. A Colônia Penal

Em Sacalina, o início da colônia penal deu-se no distrito de Duí, em 1858, quando um preso, Ivan Lapchin, pediu para se instalar no local e cultivar a própria horta. Em 1859, a primeira prisão foi construída no local.

Em 1863, foi criado um comitê pelo tsar Alexandre II, para avaliar as condições das colônias penais russas que funcionariam não somente como prisão, mas também como um local onde os prisioneiros pudessem ser exilados e, concomitantemente, desenvolver algum tipo de trabalho, como mineração ou plantio. Segundo a avaliação do comitê, Sacalina “resolveria” os problemas do sistema penal russo: por ser uma ilha, excluía os prisioneiros do resto da Rússia e tornava praticamente impossível a fuga. Além disso, era uma forma de explorar as minas de carvão e de assegurar o território como russo, mantendo os japoneses à distância. Era uma punição de enorme força repressiva, dada a distância da capital, encarada como viagem sem volta. Acreditava-se

---

¹⁰ Остров Сахалин, p. 198; A Ilha de Sacalina, p. 140-141

ainda que manter todos os prisioneiros em um mesmo local reduziria os custos penais. Ironicamente, afirmava-se que os prisioneiros poderiam começar uma nova vida sendo colonos nessa ilha quase estéril¹¹. Nesse ano, Sacalina se tornou oficialmente uma colônia penal aprovada pelo comitê.

Os presos enviados ao local eram submetidos à ordem da colônia penal. Quando chegavam, eram encaminhados às prisões. Alguns eram autorizados a trabalhar fora delas, como veremos no caso de Egor, no capítulo 3 desta dissertação, e se após um tempo houvesse provas de bom comportamento, era permitido que eles saíssem da prisão e construíssem uma casa, uma horta e dessem início à sua contribuição para a colonização da ilha. As ferramentas de trabalho, mesmo que forçado, eram vendidas aos prisioneiros com crédito de cinco anos.

Mesmo com uma pequena isbá construída, os prisioneiros precisavam aguardar o final da pena para poderem ser colonos oficialmente. Depois de dez anos como colonos, eles recebiam o *status* de camponeses.

A partir de 1888, após cumprir o tempo como colonos, os camponeses receberam a autorização para retornar ao continente, podendo deixar Sacalina para se instalar em alguns lugares da Sibéria (determinados pelo governo) e fazer parte de comunidades camponesas (caso fossem aceitos), mas uma condição permanecia: o exílio. Os camponeses não eram autorizados a retornar a sua cidade natal ou outras cidades e aldeias da Rússia, apenas às regiões estabelecidas na Sibéria.

1.3. Tchékhov e a Ilha

Em 1890, já consagrado e com inúmeros contos publicados, Tchékhov partiu para a ilha de Sacalina. Ele começara a preparar sua viagem no ano anterior, recolhendo material sobre a região¹². O motivo pelo qual decidiu partir para uma ilha tão remota nunca foi muito claro. Já diagnosticado com tuberculose, o escritor se submeteu a uma dura viagem pela Sibéria, além de o clima de Sacalina não ser favorável ao tratamento da doença.

Na correspondência com seu editor, Alekséi S. Suvórin, Tchékhov relata os preparativos da viagem, pede mapas emprestados (é ele quem empresta ao autor o atlas

---

¹¹ **Ostrov Sakhalin**, p.148.

¹² Denise Sales, “A Ilha de Tchékhov”, *Anais do X SEL*, Assis, Unesp, p. 1.

de Krusenstern) e tenta explicar o motivo de sua jornada à colônia penal extremamente distante¹³. O editor acompanhou, por meio das cartas, a preparação, a viagem e também o seu retorno, em dezembro de 1890, com as primeiras ideias sobre a publicação de um livro com as anotações da viagem, que viria a ser publicado em periódicos entre 1893 e 1894. A versão completa foi publicada em 1895.

Nessas cartas, Tchékhov tenta justificar sua jornada. Ele afirma estar convencido de que sua “viagem não trará uma contribuição valiosa nem à literatura, nem à ciência”, mas que pretende escrever algumas páginas e, assim, saldar um pouco “do [seu] débito para com a medicina”¹⁴. A ideia de “pagar o débito com a medicina” parece ser um autoexílio da literatura. Formado médico, ele dedicava-se também à literatura e chegou a receber, em 1887, o prêmio Púchkin – o maior prêmio literário da Rússia na época. Por isso, parecia se sentir distante da medicina, como se não tivesse contribuído o suficiente, tendo-a abandonado a favor da atividade de escritor.

Para ele, novamente em carta a Suvórin, “Sacalina é um lugar de sofrimentos intoleráveis que só o ser humano, livre ou forçado, é capaz de suportar”¹⁵, revelando assim desde antes de sua partida uma preocupação com os prisioneiros e reiterando a importância de seu trabalho como médico e observador na ilha. Ele defende a relevância de sua viagem para despertar interesse na sociedade, embora ache que um especialista faria isso de uma forma melhor. Em outra carta, diz que sua viagem podia ser um capricho ou uma cisma, *mania sachalinosa*¹⁶, como a define, ao mesmo tempo que defende que é o único lugar em que poderia estudar uma colônia penal¹⁷.

As cartas ao seu editor revelam que Tchékhov já condenava o sistema de colônia penal antes mesmo de chegar à ilha, a partir dos estudos que fez:

Pelos livros que li e estou lendo, constata-se que deixamos apodrecer *milhões* de pessoas nas prisões, deixamos apodrecer à toa, sem razão, de maneira bárbara; fizemos pessoas algemadas correr no frio dezenas de milhares de verstas, transmitimos sífilis, corrompemos, multiplicamos os criminosos, e tudo isso imputamos aos carcereiros de nariz vermelho.¹⁸

¹³ Anton Tchékhov, **Cartas a Suvórin (1886-1891)**, São Paulo: Edusp, 2002, p. 269.

¹⁴ Ibidem, p. 279.

¹⁵ Ibidem, p. 280.

¹⁶ Ibidem, p. 279.

¹⁷ Ibidem, p. 280.

¹⁸ Sophia Angelides, **A. P. Tchékhov: Cartas Para uma Poética**, São Paulo: Edusp, 1995, p. 168.

Pela preocupação com os habitantes de Sacalina, talvez essa obra seja aquela dentro da literatura tchekhoviana que apresenta explicitamente um cunho social. Se na prosa e no drama, o autor recusava a literatura engajada como veículo de ideias políticas, em *A Ilha de Sacalina* condenou violentamente uma dada realidade social, elaborando um relato sem moralismos ou julgamentos em relação aos habitantes da colônia¹⁹.

A literatura de Tchékhov sempre demonstrou uma preocupação com o indivíduo e com a sociedade²⁰, mas na obra em questão o narrador é o próprio autor, que explicita suas opiniões sobre a situação na ilha²¹. Da maneira como o faz, não cabe ao narrador culpar ou inocentar os prisioneiros, afinal eles já foram julgados e condenados pela justiça. Tchékhov, porém, se propõe a compreender as suas vidas, a enxergar seus sofrimentos e tentar entender o que o exílio significa para eles, utilizando sua sensibilidade e seus recursos como médico e como escritor.

Como será exposto nos próximos capítulos, o narrador constrói duas identidades para investigar a vida na colônia: o médico e o escritor. Nas cartas a Suvórin, ele diz que quer pagar seu débito com a medicina, ou seja, em um primeiro momento sua ideia é ser um homem da ciência e se aproximar dos prisioneiros como médico. Todavia, ao elaborar seu relato, ele extrapola a ciência e se lança ao subjetivo e ao literário, ao dirigir seu foco aos prisioneiros, a si próprio ou à ilha²².

1.4. Rússia?

Geográfica e politicamente, Sacalina pertence à Rússia, todavia ninguém a vê como Rússia, nem os prisioneiros nem Tchékhov, ainda que no primeiro parágrafo do livro o narrador se refira à ilha como parte do “nosso país”:

5 июля 1890 г. я прибыл на пароходе в г. Николаевск, один из самых восточных пунктов нашего отечества.

¹⁹ Michael Finke, op. cit., p.162.

²⁰ Sophia Angelides, op. cit.

²¹ A. N. Evstratov, “‘Ostrov Sakhalin’ A. P. Tchekhova Kak Sintez Khudojestvennosti I Publitsistiki”. Disponível em: <<http://docplayer.ru/65306127-Ostrov-sahalin-a-p-chehova-kak-sintez-hudozhestvennosti-i-publicistiki.html>>. Acesso em: 26 out. 2016.

²² Cathy Popkin, “Chekhov as Ethnographer: Epistemological Crisis on Sakhalin Island”, *Slavic Review*, v. 51, p. 51.

Cheguei de barco a Nikoláievski, um dos pontos mais orientais de nosso país, a 5 de julho de 1890.²³

Pouco depois, entretanto, o narrador constrói a imagem da ilha como sendo uma terra desconhecida e estrangeira, partindo de sua própria percepção até reconhecer nos prisioneiros o mesmo sentimento.

Antes de embarcar, Tchékhev já começa a reconhecer as diferenças de comportamento entre ele e as pessoas da região:

Как раз против города, в двух-трех верстах от берега, стоит пароход "Байкал", на котором я пойду в Татарский пролив, но говорят, что он отойдет дня через четыре или пять, не раньше, хотя на его мачте уже развевается отходный флаг. Разве взять и поехать на "Байкал"? Но неловко: пожалуй, не пустят, - скажут, рано. Подул ветер, Амур нахмурился и заволновался, как море. Становится тоскливо. Иду в собрание, долго обедаю там и слушаю, как за соседним столом говорят о золоте, о понтах, о фокуснике, приезжавшем в Николаевск, о каком-то японце, дергающем зубы не щипцами, а просто пальцами. Если внимательно и долго прислушиваться, то, боже мой, как далека здешняя жизнь от России! Начиная с балыка из кеты, которым закусывают здесь водку, и кончая разговорами, во всем чувствуется что-то свое собственное, не русское. Пока я плыл по Амуру, у меня было такое чувство, как будто я не в России, а где-то в Патагонии или Техасе; не говоря уже об оригинальной, не русской природе, мне всё время казалось, что склад нашей русской жизни совершенно чужд коренным амурцам, что Пушкин и Гоголь тут непонятны и потому не нужны, наша история скучна и мы, приезжие из России, кажемся иностранцами.

O Baikal fundeou a duas ou três verstras de distância, em frente da cidade. É este barco que me deve conduzir no Estreito da Tartária, mas diz-se que só deve sair dentro de quatro ou cinco dias, apesar de o pavilhão de partida já lhe ondular no mastro. E se eu fosse para lá agora? Não, pode ser uma situação embaraçosa, não me vão deixar

---

²³ **Остров Сахалин**, p. 45; **A Ilha de Sacalina**, p. 17.

entrar e vão dizer que ainda é muito cedo. Levantou-se o vento, o Amur tornou-se sombrio e agita-se como um mar. A tristeza apoderou-se de mim. Fui ao Círculo, onde prolonguei infinitamente o almoço para matar o tempo. Na mesa vizinha, ouvi falar de outro, de cornos de rena, de um prestidigitador que apareceu na cidade, de um japonês que arranca os dentes com os dedos em vez de usar o boticão. Ao ouvir com atenção, durante muito tempo, estas conversas, disse para comigo: “Meu Deus! Como a vida desta gente está longe do modo como se vive na Rússia!” A começar pelo balyk, que acompanha os cálices de vodka, e a acabar nas conversas, tudo tem a sua própria especificidade e não tem nada a ver com o nosso país. Enquanto navegava ao longo do Amur, tinha a impressão de estar num lugar como a Patagônia ou o Texas, mas não na Rússia. Para já não falar da paisagem, que é inteiramente especial, sentia a cada momento que a maneira de viver dos habitantes das regiões do Amur divergia totalmente da nossa, que eles nunca conseguiriam compreender Púchkin ou Gógol, os quais, por conseguinte, lhes pareciam inúteis, que a nossa História os aborrecia, e que nós, pessoas recém-chegadas da Rússia, lhes parecíamos estrangeiros.²⁴

Quando Tchékhov se aproxima da ilha, ele pensa em Ulisses e compara o que está sentindo ao que o herói grego sentiu ao enfrentar o desconhecido:

Душой овладевает чувство, какое, вероятно, испытывал Одиссей, когда плавал по незнакомому морю и смутно предчувствовал встречи с необыкновенными существами. плыть.

O sentimento que se apossa de nós é sem dúvida semelhante ao de Ulisses, ao navegar num mar desconhecido e pressentindo que ia encontrar seres fantásticos.²⁵

Para o narrador, a ilha está associada ao desconhecido, ao inferno (como será analisado no capítulo 4) e à literatura de viagem, de forma que a citação a Ulisses faz parte do universo narrativo de Sacalina. Contudo, diferentemente de Ulisses, que tentava voltar para casa, Tchékhov parece que não deixou apenas a sua casa (Moscou,

²⁴ Остров Сахалин, p. 47; A Ilha de Sacalina, p. 20.

²⁵ Остров Сахалин, p. 50; A Ilha de Sacalina, p. 21.

há 9.650 km da ilha), mas o seu próprio país e, mais importante, planejou sua viagem ao inferno²⁶.

Como vimos nos trechos acima, o não reconhecimento de Sacalina como Rússia é notado aos poucos pelo narrador. No primeiro parágrafo do livro, ele diz que é o ponto mais oriental de *nosso* país. Porém, enquanto espera o barco, notando o comportamento das pessoas, ele se distancia e se coloca como estrangeiro. O extremo oriental não faz mais parte daquele seu país, eles não conhecem Púchkin ou Gógol, a paisagem não é russa, mas estrangeira, assemelhando-se à Patagônia ou ao Texas. Esse é o primeiro momento no qual o narrador faz o deslocamento espacial e sentimental de si mesmo e da Rússia.

Quando se aproxima da ilha, ele se compara à célebre figura de Ulisses, ainda reforçando sua figura como estrangeiro em um local desconhecido. A ideia de desbravar esse desconhecido, como dito a Suvórin, era justamente fazer a região ser conhecida na Rússia e despertar empatia nas pessoas.

Como colônia penal, Sacalina era um local abandonado, sem condições sanitárias, de onde ninguém saía e sem controle das pessoas na ilha, como uma exclusão dos indesejados em uma massa única, sem diferenciação, e tratados com descaso após chegarem ali²⁷. Além da distância geográfica entre a ilha e a Rússia europeia, Cathy Popkin afirma que existia uma descontinuidade entre a ilha e o país. E, citando Tchékhov, Sacalina “não era Rússia”, “não era russa”, “não era nossa”, “não era Europa”, “não era continente” e, mais importante, “não era estudada”, o que teria motivado a exploração do escritor²⁸. Ele reforça essa ideia de uma ilha descontínua do país e desconhecida em diversos trechos ao longo do texto.

Para o narrador, Sacalina é no fim do mundo e até o tempo não importa, não corre como na Rússia, pois a percepção de tempo, espaço e trabalho é outra:

Я долго стоял и смотрел то на небо, то на избы, и мне казалось каким-то чудом, что я нахожусь за десять тысяч верст от дому, где-то в Палеве, в этом конце света, где не помнят дней недели, да и едва ли нужно помнить, так как здесь решительно всё равно - среда сегодня или четверг...

---

²⁶ Michael Finke, op. cit., p. 157.

²⁷ Cathy Popkin, op. cit., p. 42 e 51.

²⁸ Ibidem, p. 37.

Permaneci muito tempo imóvel, contemplando alternadamente o céu e as isbás, e parecia-me um milagre estar ali, a dez mil verstas de casa, numa aldeia no fim do mundo chamada Pálevo, onde se esquecem os dias da semana... Mas para quê recordar se hoje é quarta ou quinta-feira? Isso não altera rigorosamente nada.²⁹

À medida que trava contato com os habitantes da ilha, o narrador começa a se dar conta de que ele não é o único a se sentir estrangeiro em seu próprio país; todos os habitantes da ilha se sentem desconectados ali, como se ela não fosse Rússia. O exílio, aliado a esse sentimento, faz com que os prisioneiros fantasiem sobre uma Rússia feliz e boa, e planejem fugas de volta para lá.

A ilha toda é um degredo. Sacalina não é como a Rússia, e a distância é tanto geográfica como sentimental. Mais do que um lugar afastado, Sacalina é associada à morte e chamada por Tchékhov de inferno, um inferno que se constrói em cada descrição do autor e de suas anedotas, com referências e imagens que criam um lugar de abandono e morte³⁰.

---

²⁹ **Остров Сахалин**, p. 179; **A Ilha de Sacalina**, p. 128.

³⁰ V. I. Gabdullina. “Struktura Narrativa V Knigie A. P. Tchekhova ‘Ostrov Sakhalin’: Arkhetipitcheskii I Kulturnii Podtekst”. Disponível em: <http://www.philology.nsc.ru/elib/data/Narrativ_tradits_2014/35.Gabdullina_V.pdf>. Acesso em: 26 out. 2016, p. 204-205.

Capítulo 2 – O Médico

Como dito anteriormente, Tchékhov planejou sua viagem. Ele realizou uma grande pesquisa científica, reunindo informações sobre a história da ilha, suas características geográficas e a história da colônia penal. Seu objetivo, ainda que um pouco nebuloso até para si próprio, era fazer ciência.

Entretanto, já no início, ele rompe com o formato clássico e racional do texto científico e escreve sobre seus sentimentos, suas dúvidas e sua preocupação com a pesquisa, como se fosse algo leviano:

И зачем я сюда поехал? -- спрашиваю я себя, и мое путешествие представляется мне крайне легкомысленным

Por que razão vim para estas paragens? – interrogava-me, e pareceu-me que, ao empreender esta viagem, me tinha comportado com uma terrível levandade.³¹

Quando retornou da ilha, Tchékhov escreveu a Suvórin e, após uma breve descrição de viagem, disse: “Eu *vi tudo*; portanto, a questão agora não é *o que* eu vi, mas *como* vi.”³² A construção do olhar não é arbitrária, é um olhar científico que aglutina o racional e o simbólico, que começa antes da viagem com o planejamento, que observa e, a partir do que vê, faz conclusões e propõe soluções.

Para Sophie Laffitte, seu trabalho de síntese é uma herança da medicina, no qual para suas análises ele procura o geral no particular, o homem no indivíduo e, a partir dos casos isolados, ele os integra³³. Em *A Ilha de Sacalina*, Tchékhov realiza esse desenvolvimento de duas formas. Na primeira metade, nós acompanhamos o seu movimento pela ilha e a descrição dos locais pelos quais ele passa. Temos uma descrição que depois se concentra em uma anedota. Na segunda metade, ele apresenta diversos problemas na ilha, dentre os quais a saúde, a posição das mulheres, os castigos e as fugas, concentrados em capítulos temáticos. As histórias que acompanham esses problemas são resultado das conversas com os habitantes locais.

Assim, temos a seguinte estrutura que segue o proposto por Laffitte: apresentação geral da ilha com foco em alguns indivíduos, a fim de que a união das

³¹ **Остров Сахалин**, p. 47-48; **A Ilha de Sacalina**, p. 19.

³² Tchékhov, op. cit., p. 310.

³³ Sophie Laffitte, **Tchekhov par lui-même**, Paris: Les Éditions du Seuil, 1960, p. 61 e 66.

histórias ilustre e crie uma empatia no leitor; a partir daí, o autor faz conclusões sobre os problemas da colônia penal e propõe uma solução. Ele parte do geral para o específico e, dentro do específico, procura um deslocamento dos dados objetivos e racionais em direção ao subjetivo. Frente a isso, volta à análise objetiva, fornecendo elementos para a reestruturação do problema apresentado.

Segundo Finke, “In any event, Chekhov characterized his own seeing as having been fundamentally conditioned by his medical training and practice”³⁴. Portanto, a construção de seu olhar é fundamentalmente médica, e ele estabelece um método científico para poder estudar a ilha e seus habitantes.

Para realizar a observação necessária para suas conclusões, Tchêkhov conversou com os moradores e preencheu uma ficha de recenseamento com os seguintes dados: nome do posto ou colônia; categoria do recenseado (prisioneiro, colono, camponês proscrito ou cidadão livre); nome, patronímico e nome de família; idade; religião; local de nascimento; ano de chegada a Sacalina; ocupação principal e a profissão; nível de instrução; situação familiar; se recebe ou não subsídios do Estado³⁵.

Com essas perguntas, Tchêkhov planejou recolher informações sobre as condições de vida na ilha. Ao recolher os dados sobre os subsídios estatais e o ano de chegada, ele pretendia avaliar quantos exilados conseguiram se estabelecer sem o auxílio do Estado e a expectativa de vida, a fim de concluir o sucesso de Sacalina como colônia. O resultado do recenseamento é distribuído ao longo do livro, quando o autor justifica os problemas da ilha com base em sua pesquisa de campo e respostas dos habitantes, principalmente na segunda parte do livro.

Ao explicar o recenseamento, Tchêkhov acaba resumindo seu método científico e evidenciando a questão da própria observação, tão cara à medicina:

Чтобы побывать по возможности во всех населенных местах и познакомиться поближе с жизнью большинства ссыльных, я прибегнул к приему, который в моем положении казался мне единственным. Я сделал перепись. В селениях, где я был, я обошел все избы и записал хозяев, членов их семей, жильцов и работников. Чтобы облегчить мой труд и сократить время, мне любезно предлагали помощников, но так как, делая перепись, я

³⁴ Finke, op. cit., p. 4. “Em qualquer evento, Tchêkhov caracteriza sua própria forma de observação fundamentalmente condicionada pelo seu treinamento e sua prática na medicina.” (Tradução nossa.)

³⁵ **Остров Сахалин**, p. 73-79; **A Ilha de Sacalina**, p. 40-45.

имел главною целью не результаты ее, а те впечатления, которые дает самый процесс переписи, то я пользовался чужою помощью только в очень редких случаях. Эту работу, произведенную в три месяца одним человеком, в сущности, нельзя назвать переписью; результаты ее не могут отличаться точностью и полнотой, но, за неимением более серьезных данных ни в литературе, ни в сахалинских канцеляриях, быть может, пригодятся и мои цифры.

A fim de percorrer, tanto quanto possível, todos os pontos do povoamento e de ver, mais de perto, como vivia a maioria dos deportados, recorri ao único método que me pareceu apropriado em relação às condições de que dispunha: resolvi fazer um recenseamento. Em todas as colônias que visitei, entrei em todas as isbás e fiz uma lista dos proprietários, dos membros da família, dos inquilinos e dos servidores. Para me facilitarem o trabalho e eu poder ganhar tempo, propuseram-me amavelmente a colaboração de ajudantes; no entanto, como a finalidade essencial do meu recenseamento não era só a obtenção de resultados, mas também a recolha de impressões que a própria operação me proporcionaria, só recorri à ajuda externa em casos muito especiais. Este trabalho, efectuado durante três meses por uma só pessoa, na verdade não merece o nome de recenseamento. Embora os meus resultados não se possam caracterizar pelo rigor e pela fiabilidade, na falta de dados mais precisos, tanto na literatura como nos departamentos administrativos de Sacalina, talvez os meus números possam acabar por ter alguma utilidade.³⁶

Conforme Finke, sua educação na medicina e nos processos formais de racionalidade científica o ensinou a olhar e a observar o paciente³⁷. Em razão disso, recusa ajuda, pois ele mesmo precisa observar a vida na colônia e estudá-la a partir de seu próprio testemunho e estranhamento. Obviamente, ao construir um olhar científico e explicá-lo, ele também constrói o olhar do leitor. Tchékhov chega a “conversar com o leitor” em dois momentos, estabelecendo um diálogo³⁸.

³⁶ **Остров Сахалин**, p. 73; **A Ilha de Sacalina**, p. 40-41.

³⁷ Michael Finke, op. cit., p. 8.

³⁸ **Остров Сахалин**, p. 143; **A Ilha de Sacalina**, p. 198.

Sem perder a ideia de coletividade, o seu olhar médico centra-se no caso individual para ponderar também sobre o coletivo. Ou seja, ele faz dois movimentos, do macro para o micro e, depois, do micro para o macro³⁹. E mostra de que forma o ambiente penetra na alma dos habitantes, como no trecho:

Он рубит лес, корчует, роет канавы, чтобы осушить место, и всё время, пока идут эти подготовительные работы, живет под открытым небом, на сырой земле. Прелести сахалинского климата с его пасмурностью, почти ежедневными дождями и низкой температурой нигде не чувствуются так резко, как на этих работах, когда человек в продолжение нескольких недель ни на одну минуту не может отделаться от чувства пронизывающей сырости и озноба. Это настоящая *febris sachalinensis* с головною болью и ломотою во всем теле, зависящая не от инфекции, а от климатических влияний.

Abate as árvores, arranca as cepas, abre canais para drenar o terreno e, enquanto duram estes trabalhos preliminares, dorme ao relento o chão húmido. É sobretudo nestas atividades que se sente o rigor do clima de Sacalina, com o seu tempo cinzento, as suas chuvas quase diárias e as suas baixas temperaturas, onde, durante semanas a fio, se fica prisioneiro de uma humidade que penetra até aos ossos e se treme permanentemente de frio. É uma autêntica *febris sachalinensis*, com dores de cabeça, com dores musculares generalizadas, provocadas não por uma infecção mas pelo clima.⁴⁰

A *febris sachalinensis* se impõe ao seu olhar de médico e se estende ao observar as prisões e isbás. Há trechos sobre higiene, doenças, condições na cadeia e infecção alimentar em que a percepção, o olhar do médico, transcendem a posição do escritor. São observações de um médico e cientista da humanidade na ilha, como nos trechos a seguir:

Дуйская тюрьма меньше, старее и во много раз грязнее Александровской. Здесь тоже общие камеры и сплошные нары, но обстановка беднее и порядки хуже. Стены и полы одинаково грязны и до такой степени потемнели уже от времени и сырости, что едва ли станут чище, если их помыть. По данным

³⁹ A. N. Evstratov, op. cit., p. 5.

⁴⁰ **Остров Сахалин**, p. 259; **A Ilha de Sacalina**, p. 183.

медицинского отчета за 1889 г., на каждого арестанта приходится здесь воздуха 1,12 куб. саж. Если летом, при открытых окнах и дверях, пахнет помоями и отхожим местом, то, воображаю, какой ад бывает здесь зимою, когда внутри тюрьмы по утрам находят иней и сосульки.

A prisão de Duí é mais pequena, mais velha e muito mais suja que a de Aleksandrovsk. Também aqui os dormitórios celulares são comuns e as tarimbas contínuas, mas o conjunto é mais pobre e as condições são piores. As paredes estão tão sujas como o chão, e de tal forma enegrecidas pelos anos e pela humidade que nem a lavagem, por mais profunda que fosse, daria qualquer resultado. De acordo com o relatório médico de 1889, cada detido dispõe aqui de uma *sájene* cúbica e doze de ar (dez metros cúbicos e meio). Se, em pleno Verão, com todas as portas e as janelas se sente o cheiro a águas estagnadas e a dejetos, imagino o inferno que deve ser no Inverno, quando o interior das divisões aparece todas as manhãs coberto de geada e de pedaços de gelo!⁴¹

Воеводская тюрьма состоит из трех главных корпусов и одного малого, в котором помещаются карцеры. Конечно, о кубическом содержании воздуха или вентиляции говорить не приходится. Когда я входил в тюрьму, там кончали мыть полы и влажный, промозглый воздух еще не успел разредиться после ночи и был тяжел. Полы были мокры и неприятны на вид.

A prisão de Voievodsk compõe-se de três edifícios principais e de outro mais pequeno onde estão as masmorras dos castigos. Evidentemente, é inútil falar de cubagem de ar ou de ventilação. Quando lá entrei, acabavam de limpar o chão, mas o ar húmido e pestilento dos odores da noite ainda não tinha tido tempo de se dissipar. O chão, molhado, tinha aspecto repugnante.⁴²

Ou então o seu olhar de médico sobre as feridas, curativos e cuidados que deveriam ser tomados na ilha:

---

⁴¹ Остров Сахалин, p. 144; A Ilha de Sacalina, p. 100.

⁴² Остров Сахалин, p. 154; A Ilha de Sacalina, p. 107.

В карцерах же я видел бродягу, который отрубил себе два пальца; рана повязана грязною тряпкой. У другого бродяги сквозная огнестрельная рана: пуля счастливо прошла по наружному краю седьмого ребра. Рана и у этого тоже перевязана грязной тряпкой. Finalmente, também vi nos calabouços um vagabundo que tinha cortado os dedos à machadada; a ferida estava tapada com uma gaze nojenta. Um outro vagabundo também estava ferido, mas por uma arma de fogo: por sorte, a bala só tinha roçado ao de leve a face exterior da sétima costela: também tinha o ferimento tapado com um trapo imundo.⁴³

Я встречал немало раненых и страдающих язвами, но ни разу не слышал запаха иодоформа, хотя на Сахалине ежегодно расходуется его больше полупуда.

Vi um grande número de feridos ou doentes ulcerados, mas nenhuma só vez senti o cheiro de iodoformio, apesar de estar previsto o fornecimento a Sacalina de meio *pud* (ou seja, mais de 8 quilogramas) desse produto por ano.⁴⁴

Ele revela preocupação médica ao notar os prisioneiros acorrentados:

В Воеводской тюрьме содержатся прикованные к тачкам. [...] Цепи и тачка стесняют арестанта, он старается делать возможно меньше движений, и это, несомненно, отражается на его мускулатуре.

Nesta prisão há reclusos acorrentados a carros de mão: oito homens ao todo. [...] As correntes e o carro restringem os movimentos dos prisioneiros, que procuram mexer-se o menos possível, o que causa, indiscutivelmente, a degenerescência muscular.⁴⁵

Um dos motivos pelos quais o autor se dispôs a ir a Sacalina foi para pagar seu débito com a medicina. Ali ele não fez observações literárias ou subjetivas, mas analisou as condições sanitárias, os trabalhos e a situação do exílio do ponto de vista da saúde dos habitantes, não deixando nunca de ter o indivíduo como figura central de seu relato.

⁴³ Остров Сахалин, p. 145; A Ilha de Sacalina, p. 101.

⁴⁴ Остров Сахалин, p. 145; A Ilha de Sacalina, p. 290, nota 63.

⁴⁵ Остров Сахалин, p. 154; A Ilha de Sacalina, p. 107.

Capítulo 3 – O Narrador

- Зачем это у тебя собака и петух привязаны? – спрашиваю хозяина.
- У нас на Сахалине все на цепи – острит он в ответ. – Земля уж такая.
- Por que é que o cão e o galo estão presos? – perguntava eu.
- Em Sacalina, toda a gente arrasta correntes... – respondiam-me ironicamente. – São efeitos do lugar...⁴⁶

A *Ilha de Sacalina* é, antes de tudo, um relato autobiográfico. À primeira vista, salta-nos a importância da narração em 1ª pessoa, essencial para o caráter de testemunho e “notas de viagem” que Tchékhov quer passar.

O seu realismo parte da observação do cotidiano, de pequenas histórias aparentemente banais. Por sua formação médica, o olhar do escritor está ligado ao exercício da profissão, rigoroso e científico, sem perder a impressão e a subjetividade do narrador literário. Assim, o realismo científico-naturalista da narrativa, que possui também um olhar de escritor, de uma observação cotidiana, resulta, no caso de *Sacalina*, em algo mais do que uma descrição meramente científica: é também uma narrativa paisagística, geográfica, etnográfica, mas não fica indiferente àquilo que observa, questionando o modo de vida na ilha, a colônia penal e o sistema russo.

Tchudakov reforça a importância do indivíduo para Tchékhov, pois é do ponto de vista de uma personagem que o escritor narra seus contos e descreve os locais, as impressões e as outras personagens⁴⁷. Em *Sacalina*, ele próprio é o narrador, e seu ponto de vista é o referencial do texto, ou seja, é pelo seu olhar que conhecemos a ilha e seus habitantes⁴⁸.

Se o texto é uma autobiografia, partimos então do pacto autobiográfico, necessário para a compreensão do texto⁴⁹. Em sua construção textual, o autor precisa afirmar a relação de identidade entre o autor, o narrador e a personagem⁵⁰. Para isso,

⁴⁶ **Остров Сахалин**, p. 80; **A Ilha de Sacalina**, p. 46

⁴⁷ A.P. Chudakov, Julian Graffy, "The Poetics of Chekhov: the Sphere of Ideas", *Soviet Semiotics and Criticism: An Anthology*, Baltimore: The John Hopkins University Press, 1978, p. 378.

⁴⁸ Ibidem, 375-378.

⁴⁹ Philippe Lejeune, **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, p. 15.

⁵⁰ Ibidem, p. 19.

Tchékhov se consolida não apenas como autor, ao assumir sua identidade, mas também como narrador, ao escrever em primeira pessoa. É o próprio autor que se desloca pela ilha, compartilhando sua localização no espaço e no tempo, as conversas com os prisioneiros, colocando-se na posição de interlocutor e criando uma personagem de si mesmo no texto, o viajante Tchékhov.

Ainda para Lejeune, a autobiografia não se preocupa com o efeito de real ou com a verossimilhança, mas com uma imagem do real e a semelhança com a verdade⁵¹. É o que a estudiosa Käte Hamburger afirma quando explica que a primeira pessoa é uma função narrativa, pois, diferentemente do narrador em terceira pessoa, ele “não produz o que narra, mas narra sobre algo no modo de enunciado da realidade”⁵².

Ao mesmo tempo que o narrador gera uma “desconfiança”, por não termos a visão das outras personagens, a primeira pessoa paradoxalmente aumenta a sensação de realidade, por trazer justamente um caráter de testemunho⁵³, essencial ao objetivo de Tchékhov de analisar e estudar a ilha.

Por ter presenciado, vivido e, posteriormente, publicado o que viveu e *como ele viu* o universo de Sacalina, o narrador aproxima o leitor de maneira que ele possa sentir empatia em relação à ilha. Para aproximar o leitor da realidade infernal sacalinense, o olhar do autor não é dirigido apenas às construções e à saúde pública da ilha, mas também às pequenas histórias, às anedotas, aos sentimentos dos habitantes que ele cria e em seus próprios sentimentos e angústias. Examinando o texto, percebe-se que, ao observar o mar, o narrador descreve seus próprios sentimentos, medos e desejo de fuga, como será analisado adiante neste capítulo.

Como dito, não é possível separar a identidade científica da identidade literária, e sim os momentos em que o narrador concentra-se mais em uma do que em outra. Em *A Ilha de Sacalina*, a narrativa é organizada de duas formas: no movimento espacial do narrador pela ilha e nos eventos vividos pelas personagens, partindo do macro para o micro.

Podemos dizer que seu movimento pela região é o fio condutor da primeira parte do texto⁵⁴. Ao caminhar pela ilha, conhecer as prisões, as isbás e conversar com os prisioneiros, Tchékhov constrói seu texto e realiza a segunda organização, a do macro para o micro: ele nos apresenta uma ideia geral de algo que ocorre na ilha para depois

---

⁵¹ Ibidem, p. 36.

⁵² Käte Hamburger, *A Lógica da Criação Literária*, São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 27-28.

⁵³ Ibidem, p. 224.

⁵⁴ A. N. Evstratov, op. cit., p. 2.

centrar-se em uma anedota, em um prisioneiro em especial ou, pelo menos, em suas sensações.

3.1. As Anedotas

Desde o primeiro contato com os habitantes locais, o narrador dá voz aos seus interlocutores. Mesmo que esteja na posição “neutra” ou “científica” de médico que busca estudar e escrever suas impressões, Tchékhov acaba escrevendo diálogos ao longo de todo o texto, não apenas na forma de discurso indireto, mas realmente “transcrevendo” as falas das pessoas com quem conversou. Dramaturgo, ele dá voz àqueles que até então estavam esquecidos em uma ilha fria e úmida próxima ao Japão, preserva a variação linguística de cada um e coloca-os na mesma posição que o narrador.

Vejamos um exemplo: em russo, *мы* só é usado com pessoas próximas, nunca com desconhecidos, idosos ou pessoas hierarquicamente superiores; para isso, utiliza-se *вы*, que é tanto a segunda pessoa no plural, “vós”, como uma espécie de “você” formal. Em russo, há uma distinção essencial entre os dois pronomes, uma vez que soa um tanto rude a utilização do *мы* com uma pessoa desconhecida ou com quem não se tem proximidade. Na ilha, a grande maioria dos prisioneiros tratam Tchékhov por “excelência”, conferindo-lhe um ar de superioridade e distanciamento, todavia utilizam o pronome pessoal *мы* ao conjugar os verbos no presente e no futuro, o que chama bastante a atenção do leitor. Em português, literalmente, teríamos algo como “Tu vais ao mercado” ou “Vossa Excelência vai ao mercado”, mas os prisioneiros conjugam o verbo a partir desse pronome, o que resulta em: “Vossa Excelência *vais* ao mercado”. Essa dualidade no tratamento dado ao narrador ressalta tanto uma aproximação que os deportados desejam ter em relação ao médico como o respeito que a sua profissão lhes inspira. No entanto, essa forma não seria aceita em círculos como de Moscou e São Petersburgo, pois revelam um grau de instrução muito baixo.

As anedotas são a forma pela qual o narrador revela o que há de vida e de humano na ilha. A construção do macro para o micro parte sempre de uma observação científica, impessoal, que se concentra em algo menor, mais subjetivo, pessoal. É importante notar que, ao centrar-se nas anedotas dos prisioneiros, Tchékhov dá uma identidade, um passado, uma história às pessoas que foram levadas à colônia penal,

abandonadas no exílio. Sem ser sensacionalista, o narrador ilustra o cotidiano da ilha e suas impressões sobre ela.

Essas anedotas nem sempre são verídicas, podendo ser generalizadas pelo autor, como o trecho a seguir:

В одной избе, состоящей чаще всего из одной комнаты, вы застаёте семью каторжного, с нею солдатскую семью, двух-трех каторжных жильцов или гостей, тут же подростки, две-три колыбели по углам, тут же куры, собака, а на улице около избы отбросы, лужи от помоев, заняться нечем, есть нечего, говорить и браниться надоело, на улицу выходить скучно - как всё однообразно уныло, грязно, какая тоска! Вечером с работ возвращается муж-каторжный; он хочет есть и спать, а жена начинает плакать и причитывать: "Погубил ты нас, проклятый! Пропала моя головушка, пропали дети!" -- "Ну, завывала!" -- проворчит на печке солдат. Уже все позаснули, дети переплакали и тоже уgomонились давно, а баба всё не спит, думает и слушает, как ревет море; теперь уж ее мучает тоска: жалко мужа, обидно на себя, что не удержалась и попрекнула его. А на другой день опять та же история.

Numa isbá, que geralmente se compõe de uma só divisão, podemos encontrar a família de um prisioneiro e a de um soldado, mais dois ou três presos, locatários ou vizinhos, adolescentes, dois ou três berços pelos cantos, galinhas, um cão; e na rua, junto à casa, há dejectos e poças de água suja. A mulher não tem nada para fazer, não tem nada para comer, está cansada das conversas e de discussões e não sai, porque lá fora é tudo igual, uniformemente sujo, triste e sombrio! À noite, o marido presidiário regressa dos trabalhos forçados; tem fome, tem sono, mas a mulher começa logo a lamentar-se e desfiar a ladainha habitual:

– Ah! Maldito! Deste cabo da nossa vida. Da minha e da dos meus filhos!

– Lá está ela outra vez a choramingar! – resmunga o homem, estendido na estufa.

Depois faz-se silêncio; as crianças esgotaram as lágrimas e há muito que adormeceram, mas a mulher ainda não dorme, pensa e escuta o

bramido do mar; agora está dominada pela angústia: tem pena do marido e lamenta-se por não ter sabido se conter e por o ter recriminado. Mas, no dia seguinte, a história repete-se.⁵⁵

Nessa parte, podemos ver como o autor retrata o cotidiano repetitivo e massacrante que atinge os espaços mais íntimos das vidas dos moradores no conjunto das condições que a estrutura da ilha lhes impõe.

No capítulo VIII, Tchékhov expõe a situação agrícola da colônia e suas dificuldades. O narrador questiona a administração, que não oferece as condições necessárias para a manutenção do trabalho, das habitações e plantações dos deportados. Essa dificuldade é explicitada no caso do colono que morreu de fome pouco antes da chegada do escritor⁵⁶ e pela fala daqueles que vivem aflitos e em situação semelhante:

‘Всех нас ждет та же участь’ – говорили мне соседи, напуганные его смертью.

‘É o destino que nos espera a todos’, disseram-me algumas pessoas amedrontadas com esta morte.⁵⁷

Além da fome recorrente, Tchékhov observa a situação habitacional dos prisioneiros e suas famílias. Há dívidas com o Estado para compra de materiais de trabalho, por exemplo. Como ressaltado no primeiro capítulo, as casas são precárias, carecendo de infraestrutura e saneamento. No posto em Duí, não há espaço para mais nenhum colono. Também não há terra boa para o cultivo e, para a indignação do narrador, a administração ainda envia novas famílias para o local, em vez de alocá-las em outras regiões.

Os homens enviados à colônia trabalham, mas suas mulheres ficam, na maioria das vezes, ociosas ou presas ao trabalho doméstico enfadonho. Muitas famílias se mudam junto com os condenados e não têm ocupação na ilha. A punição vai muito além do crime, pois envolve a família, que pode acompanhar o preso na colônia. Assim, todos se tornam exilados e passam a viver no inferno junto com o deportado⁵⁸.

⁵⁵ **Остров Сахалин**, p. 141-142; **A Ilha de Sacalina**, p. 98-99.

⁵⁶ Cf. **A Ilha de Sacalina**, p. 135.

⁵⁷ **Остров Сахалин**, p. 135; **A Ilha de Sacalina**, p. 92.

⁵⁸ As famílias que acompanham o condenado têm direito a voltar ao continente, pois o exílio perpétuo não se estende à família. Alguns prisioneiros, como Egor, optaram por não trazer a família à ilha.

A partir desse cenário, descrito com uma rigorosa observação científica, o narrador cria uma cena familiar baseada em seu testemunho, nos dados que recolheu e nas descrições das isbás que culminam em um texto artístico.

Nesse excerto literário, ele se afasta de sua posição em primeira pessoa para se colocar em terceira pessoa onisciente. Essa transição é necessária para que tenha a liberdade de inventar um diálogo, um pensamento, uma angústia que pode ser sentida nas mulheres dos condenados vivendo em Sacalina.

Ou, então, Tchékhov nos apresenta uma criminosa lendária do sistema prisional russo, Mão de Ouro:

Из сидящих в одиночных камерах особенно обращает на себя внимание известная Софья Блювштейн -- Золотая Ручка, осужденная за побег из Сибири в каторжные работы на три года. Uma reclusa que está incomunicável atrai todas as atenções. É a famosa Sófia Blüwstein, a quem chamam de *Mão de Ouro*, condenada a três anos de trabalho forçado por se ter evadido da Sibéria.⁵⁹

Mão de Ouro é uma anedota pequena sobre uma famosa ladra russa e funciona como um recurso de aproximação da ilha com a Rússia por ela ser bastante conhecida. Blüwstein era uma criminosa bela que seduziu os guardas, fugiu da Sibéria, mas foi presa novamente e enviada ao presídio em Sacalina, onde está reclusa, feia e tão abatida que Tchékhov não “acredita” que essa mulher pequena, miúda e com cara de rato foi capaz de despertar tanto interesse nos homens. A prisão a envelheceu e a desfigurou de tal forma que o narrador não consegue ver a famosa Mão de Ouro.

3.2. O Conto de Egor

Ao longo de todo o livro, Tchékhov dá voz, identidade e história aos prisioneiros – eles não são apenas uma massa carcerária homogênea isolada em uma ilha. O autor se preocupou em contar um pouco dessas histórias na forma de anedotas não somente para ilustrar seus pensamentos e mostrar o cotidiano da ilha, mas também para trazer à luz a singularidade dessas pessoas esquecidas na colônia penal. Dentre os muitos prisioneiros está Egor, que recebe um tratamento especial ao ter um capítulo inteiro (capítulo VI)

⁵⁹ Остров Сахалин, p. 98; A Ilha de Sacalina, p. 62.

dedicado à sua história, narrado em primeira pessoa pelo próprio prisioneiro. No oitavo capítulo, o autor justifica a inserção do conto de Egor quando visita a prisão de Duí e comenta sobre as histórias dos prisioneiros:

Преступления почти у всех ужасно неинтересны, ordinарны, по крайней мере со стороны внешней занимательности, и я нарочно привел выше рассказ Егора, чтобы читатель мог судить о бесцветности и бедности содержания сотни рассказов, автобиографий и анекдотов, какие мне приходилось слышать от арестантов и людей, близких к каторге.

Vistos de fora, os seus crimes são quase sempre histórias banais, com pouco interesse. Se, mais acima, reproduzi a ‘história de Egor’, fi-lo de propósito, para o leitor poder avaliar a falta de colorido e indigência de conteúdo de centenas de histórias, de autobiografias e de episódios que os detidos e os seus familiares me contaram.⁶⁰

Egor foi o prisioneiro escolhido pelo autor para ilustrar, por um lado, a banalidade das histórias cotidianas de Sacalina e, por outro, a injustiça que levou as pessoas a uma ilha distante e abandonada.

Em *O Conto de Egor*, há dois narradores: Tchékhov e o próprio Egor. Em um primeiro momento, o escritor nos apresenta o prisioneiro para que este possa contar sua história. Como dito anteriormente, na primeira parte do livro, o escritor se localiza no tempo e no espaço, e o livro acompanha seu movimento pela ilha. Neste momento, Tchékhov está em Aleksandrovsk, na casa de um funcionário onde Egor trabalha ocasionalmente, realizando os trabalhos que a criada, já idosa, não consegue.

Egor é descrito como um trabalhador sempre disponível e desengonçado, que à primeira vista parece tolo. Outro traço ressaltado pelo narrador é a simplicidade do prisioneiro, que pergunta com frequência se é com ele que o escritor está conversando (“o quê?”, “fala com quem?”), além de retomar o erro comum em Sacalina no caso dos pronomes pessoais.

O escritor constrói a personagem de Egor para que nós nos simpatizemos com ela. Assim, reafirma sua dedicação ao trabalho (“Он не может сидеть без работы ни

---

⁶⁰ Остров Сахалин, p. 144; A Ilha de Sacalina, p. 101.

одной минуты”⁶¹), como quando nos conta que ele construiu a própria isbá, que tem habilidade para fazer móveis e que nunca sofreu castigos corporais na ilha. Tchékhov resgata, ainda, uma história de sua infância: o prisioneiro só apanhou uma vez na vida e por um motivo bobo – seu pai lhe batera com chicote por ter deixado um galo entrar onde as ervilhas estavam guardadas. Ao retomar essa pequena anedota de sua infância, o narrador atribui à personagem um passado não relacionado à colônia, o que reforça a inocência e a obediência de Egor.

A descrição do prisioneiro não é feita de forma caricata ou jocosa, como uma personagem de costumes. Egor é apresentado como um homem simples, desajeitado e, de certa forma, valorizado pelo narrador por seu trabalho.

Quando Tchékhov pergunta a razão pela qual Egor foi enviado a Sacalina, ele reage da maneira que o narrador havia frisado anteriormente:

- За что тебя сюда прислали? – спросил я.
- Чаво ты говоришь, ваше высокоблагородие?
- За что тебя прислали на Сахалин?
- За убийство.
- Ты Расскажи мне с самого начала, как было дело.
- Por que razão vieste aqui parar? – perguntei-lhe eu.
- Que’é que tás a dizer, Excelência?
- Por que motivo vieste a Sacalina?
- Por assassinato.
- Conta-me lá isso, desde o princípio. Como é que isso sucedeu?⁶²

A pergunta “Чаво ты говоришь, ваше высокоблагородие?” é exatamente aquela que o narrador destacou parágrafos acima, quando, ao nos apresentar Egor, relatou suas reações e modo de falar:

На вопрос он сразу не отвечает, а сначала искоса посмотрит и спросит: "Чаво?" или "Кого ты?" Величает вашим высокоблагородием, но говорит ты.

⁶¹ **Остров Сахалин**, p. 111; “Não consegue ficar um minuto de braços cruzados”, em **A Ilha de Sacalina**, p. 71.

⁶² **Остров Сахалин**, p. 111; **A Ilha de Sacalina**, p. 73.

Nunca me responde de imediato às minhas perguntas, começando por me olhar de soslaio e por perguntar: ‘De quê?’ ou ‘Tás a falar com quem?’

“Chama-me de excelência, mas trata-me por tu”⁶³ – é assim que o narrador reforça a simplicidade e a identidade de Egor, trazendo-a para seu próprio discurso em uma pequena encenação que dá início à história do prisioneiro⁶⁴. A pedido de Tchékhov, ele relata o que aconteceu com todos os detalhes e adjetivos, uma forma oposta ao narrador tchekhoviano, conhecido por escrever de forma sucinta, como veremos adiante.

O prisioneiro inicia sua história no dia anterior ao assassinato que o condenou a Sacalina. Depois de realizar uns serviços a seu *bárin*, Vladímir Mikhailovitch, Egor e Andrei (a vítima), no retorno para casa, pararam para beber um pouco de vodka. A princípio, Egor foi contra, mas acabou concordando. Bêbado, voltou para casa e foi acordado no dia seguinte com a notícia de que Andrei fora espancado, vindo a falecer no dia seguinte. O primeiro suspeito é Serguei (aparentemente outro colega de serviço), que, após uma tentativa de fuga, acusa Egor e seus irmãos, Ivan e Kircha, de terem planejado há tempos a morte de Andrei e que, naquela noite, Egor e Ivan o espancaram.

Após ser condenado injustamente (segundo ele) por assassinato, foi enviado à ilha. O prisioneiro narra, em detalhes, as condições de sua viagem com Ivan até Novgorod, Moscou e, finalmente, Odessa, de onde partiu de barco para a ilha, as dificuldades do caminho, o quase naufrágio e, por fim, suas atividades na colônia. Desde sua chegada, ele não é obrigado a ficar o tempo todo na prisão; é liberado para os trabalhos no campo e até para fazer objetos artesanais que ele vende por rações de carne.

Narrado em primeira pessoa, não sabemos se esse fato é verdadeiro, nem mesmo se Tchékhov ocultou algum detalhe para que o leitor tomasse as próprias conclusões. Egor matou ou não matou Andrei? Esse questionamento, na verdade, não interessa ao narrador, cujo objetivo é mostrar o resultado no inferno que a ilha representa para cada indivíduo.

Ao terminar o relato, após explicar seu trabalho na colônia, o prisioneiro diz que não pode ficar “de conversas”, exatamente como Tchékhov nos “avisa” na apresentação

⁶³ **Остров Сахалин**, p. 111; **A Ilha de Sacalina**, p. 71.

⁶⁴ Tchékhov gravou o texto e o transcreveu. Cf. A. N. Evstratov, op. cit, p. 4.

da personagem. É um homem simples que não pode ficar “de conversa”, pois precisa trabalhar.

Quando Egor assume a narração, há uma clara mudança no estilo do texto. Ele faz frases simples e curtas, com marcas de oralidade (como a repetição de *хорошо*), e se estende na exposição de detalhes, o que incomoda Tchékhov. O médico pede a Egor que conte brevemente sobre o assassinato, mas o prisioneiro se alonga nos detalhes anteriores ao crime, sem a brevidade característica do autor, que o interrompe duas vezes na tentativa de acelerar a história.

Tanto no teatro como na prosa, Tchékhov ficou marcado por sua concisão, simplicidade e contenção. Além de valorizar uma língua simples e elegante, oposta às minúcias de Egor e à narrativa dos eventos anteriores ao assassinato, a narrativa de Tchékhov parece contar por si própria, em vez de girar em torno de um grande episódio, como era comum na tradição literária⁶⁵.

Para Tchudakóv, é importante notar que o narrador tchekhoviano se coloca, na maioria das vezes, sob o ponto de vista de uma personagem em especial, pela qual nós presenciamos as ações e enxergamos as outras personagens. *O Conto de Egor* inicia-se como uma narrativa comum de Sacalina: somos apresentados ao local e às personagens pela ótica de Tchékhov. Portanto, como dito anteriormente, a construção que temos do prisioneiro é aquela que o autor nos apresentou e quer que nós tenhamos.

Quando o narrador sai de cena e Egor assume o controle da narrativa, suas ações não são determinadas por ele; são reflexo de algo que já nos foi apresentado por Tchékhov. Sua forma de falar, agir e se posicionar na narrativa são reforços do que o autor já havia nos mostrado, como, por exemplo: sua indagação constante para confirmar se é a ele mesmo que o médico se dirige; o relato de seus trabalhos e esforços pela ilha; a observação de que nunca apanhou e segue obediente. Por mais que narre seu crime e condenação, Egor é uma personagem que está submetida ao narrador principal, responsável pela apresentação do preso e pela introdução a sua história.

Quando ele começa a dar muitos detalhes de sua história, Tchékhov o interrompe, pedindo que a encurte, para seguir a forma tchekhoviana de narrar, a que Egor responde: “Постой, не перебивай, ваше высокоблагородие. / Espera, Excelência, não me interrompas.”⁶⁶ Novamente, o prisioneiro trata o escritor por

⁶⁵ Sophia Angelides, op. cit., p. 231-232.

⁶⁶ *Остров Сахалин*, p. 112; *A Ilha de Sacalina*, p. 72.

“высокоблагородие”, mas mesmo usando *ваше*, ele conjuga os outros dois verbos no imperativo singular, como Tchékhov apontou anteriormente.

A segunda vez que o médico o interrompe, pede que conte do assassinato, Egor diz novamente que espere e continua sua história. A partir daí, o autor só volta a interrompê-lo quando questiona quem são as duas pessoas (Ivan e Kirsha, seus irmãos) que ele cita sem apresentá-las anteriormente. As duas interrupções iniciais de Tchékhov e a retomada de Egor à sua história contribuem para assumirmos que quem tem o controle do conto é o prisioneiro, à sua maneira, no entanto os dois narradores são muito mais próximos do que se supõe à primeira vista. Ele faz um movimento em direção ao “outro”. Se, em um primeiro momento, o narrador quer inserir Egor no seu quadro discursivo, em um segundo momento, deixa que o prisioneiro fale e se apropria do discurso dele.

O escritor valorizava a concisão, a simplicidade e a contenção na escrita⁶⁷; a objetividade no texto era essencial para Tchékhov, uma vez que “compõe uma narrativa que parece se contar por si própria”, prevalecendo a visão da personagem, sem elos causais rígidos⁶⁸, enquanto Egor parece contar sua história de forma verborrágica. Mas apesar de seu desconforto, ele consegue reconhecer a idiossincrasia do preso.

Tanto em suas peças como em seus contos, Tchékhov trabalha com o *não dito*, portanto, são importantes as falas das personagens e suas ações, mas a grande característica do escritor em suas demais obras é o que se realiza no que Vassíli Tolmátchov chama de “espelho secreto”, no qual as ações e falas das personagens trazem um significado refletido naquilo que não é dito⁶⁹. A ação não verbal é o que revela as personagens, ou seja, o que não está à vista é a chave para a compreensão do interior das personagens⁷⁰.

Há no autor uma articulação de um jogo na interface do texto, que nos é revelado nas pausas das personagens, nos momentos de silêncio. Tchékhov monta um fluxo subjetivo, em jogo psicológico oculto, no qual os verdadeiros sentimentos e essências das personagens não são revelados de forma clara, eles estão “escondidos” em um “espelho secreto”. O sentido rico em significações e a densa rede de conflitos são

---

⁶⁷ Sophia Angelides, op. cit., p. 231.

⁶⁸ Ibidem, 218.

⁶⁹ Vassili Tolmatchov, “O Não Visual no ‘Drama Novo’”, in: Arlete Cavaliere e Elena Vássina (orgs.), Teatro Russo: Literatura e Espetáculo, São Paulo: Ateliê, 2011, p. 235.

⁷⁰ Ibidem, p. 233.

revelados nas pausas, assim como também nas falas verborrágicas, no *não dito*, configurando um jogo na interface do texto.

A dúvida em Tchékhov deriva da importância que o narrador dá aos fatos, além de não “entrar em detalhes”, sem usar muitos adjetivos ou longas descrições, de mostrar apenas os traços mais gerais do herói e dos outros, e do uso de expressões como “parece”, “se”, “aparentou”. O jogo na interface do texto se dá pela construção aparente dos fatos e daquilo que o narrador permite ao leitor enxergar. Ele não o toma pela mão e aponta o caminho. Egor, a princípio, dá tantos detalhes e informações extras que chega a irritar Tchékhov, mas depois podemos compreender que, assim como em *A Ilha de Sacalina*, o escritor privilegia os detalhes e sua movimentação pela ilha, e o prisioneiro faz o mesmo. O assassinato, que leva Egor à prisão, tem pouca importância; a carga emocional e subjetiva revela uma angústia muito maior nos outros fatos.

Apesar de Tchékhov haver-lhe pedido para contar do assassinato, o prisioneiro estende a história até sua chegada à ilha e como vive na colônia. Sua narração privilegia muito mais a movimentação das personagens do que o assassinato e o seu julgamento, narra seus caminhos pela antiga aldeia, as pessoas com quem conversa, sua viagem pela Rússia e o medo que passou quando quase naufragou.

Espera-se que o clímax do conto seja o assassinato, mas ele é tratado de forma banal e nem sequer é narrado. Egor vai dormir e, no dia seguinte, é procurado por ter agredido Andrei, causando sua morte. Não é dito nada sobre a ação do assassinato, apenas a movimentação de Egor após o ocorrido, as acusações a Serguei, a fuga e a denúncia que foi feita. O prisioneiro é detalhista, reconstrói os diálogos, os locais e todo o círculo de conhecidos, nomeando sem explicar quem são, como se todos fossem velhos conhecidos também de seu interlocutor. O que ele pega na história também é semelhante a sua construção, pois, em Egor, também importa o deslocamento durante a viagem.

Não sabemos o que aconteceu, além do que ele se dispõe a contar. Ao contrário de Tchékhov, o prisioneiro dá muito mais valor à ação, construindo sua narrativa em torno de dois episódios: o assassinato e a viagem. Sendo assim, não temos um perfil das outras personagens que nos são apresentadas, sem possibilidade de suas análises psicológicas, de um subtexto e de dúvidas em relação à história que nos é contada.

As diferenças narrativas não são só pelo tamanho do conto de Egor (cinco páginas) e a enorme quantidade de detalhes e divagações, que incomodam Tchékhov, mas também pela opção de privilegiar diferentes aspectos narrativos: o primeiro

privilegia a *ação*, o segundo, a *personagem*. Antes do relato, temos uma descrição de quem é o prisioneiro que vai nos contar sua história. Tchékhov privilegia a linguagem, a forma de andar, descreve sua aparência, valoriza seu trabalho, ressaltando suas ações como uma marca de submissão – por exemplo, quando Egor questiona as perguntas do médico e se porta como um excluído, sempre procurando trabalho. É típico da personagem tchekhoviana não ser apresentada claramente sobre sua personalidade ou seus sentimentos, mas há um subtexto nas ações que deve ser analisado a partir do ponto de vista do narrador.

No diálogo final entre o autor e o prisioneiro, há uma aproximação entre os dois e, mesmo de sua posição superior à do condenado, o escritor não questiona sua moralidade. Apesar das diferenças de estilo de narrativa – ele não é nem um pouco objetivo como Tchékhov –, de não haver um desfecho incrível, ou um clímax, e de sua simplicidade, Egor aceita sua condição de prisioneiro em Sacalina como uma personagem tchekhoviana e traz a sensação de “quadro da vida” como os representados nos contos de Tchékhov, pois não há nada de épico em sua história, apenas um homem simples condenado por assassinato.

Tchékhov não investiga o assassinato no qual Egor se envolveu, nem questiona, nem o julga. Cede a fala ao condenado, mas não revela se aquilo é verdade ou não. Fica a dúvida se ele era inocente ou não, se nos engana ou não, se o narrador sabe a verdade e não nos conta ou se não sabe. Assim como nos contos, as personagens assumem o controle da narrativa e há sempre algo escondido, no subtexto, algo não dito, algo secreto.

Quando começa a história de Egor, ele nos é apresentado como alguém inocente, submisso e trabalhador, como se não pudéssemos duvidar de sua injusta condenação. Como não há provas, e o relato acontece em primeira pessoa, o que dá maior subjetividade ao que foi narrado, cria-se uma dúvida em relação ao crime cometido. Porém, essa não é uma dúvida construída de forma tchekhoviana, ou seja, centrando sempre na aparência das personagens e no “não dito”. A figura de Egor é criada pelo narrador como a de alguém que sofreria uma injustiça, mas não por meio de um jogo de aparências, em que as personagens são privilegiadas em vez das ações, como é caro a Tchékhov na prosa e no drama.

Egor parece ser um narrador, parece ser ao mesmo tempo uma personagem de Tchékhov, apresentada com detalhes que são corroborados a cada frase atribuída ao prisioneiro.

O objetivo de contar a sua história é, nas palavras do próprio Tchékhov, ilustrar a banalidade das condenações. Não importa o crime que foi cometido, mas importa a trajetória dos prisioneiros até o inferno e como esse inferno aparece individualmente nos deportados. O narrador opta por fazer o movimento de macro para micro, um relato de viagem em direção à construção do inferno real que vai se delimitando a cada anedota e observação.

3.4. Os Castigos de Prókhorov

Em Duí, quando já está há um mês na ilha, Tchékhov presencia o castigo corporal de um prisioneiro, comum nas prisões russas. O castigo é descrito já na segunda parte do livro, quando, após uma grande exposição das práticas de punições em Sacalina, o narrador retoma um evento que ele presenciou em Duí para ilustrar o capítulo sobre os castigos, em especial os corporais com o uso do chicote, para depois retomar sua crítica ao sistema penal russo.

Prókhorov (também conhecido como Niemikov) foi condenado a noventa chibatadas pelo homicídio de um cossaco e suas duas netas e, posteriormente, uma tentativa de fuga. Esses dois crimes foram cometidos na ilha e o narrador não nos conta a razão da condenação de Prókhorov a Sacalina. Acompanhado pelo inspetor da prisão e pelo médico, o narrador acompanha o castigo e descreve os movimentos do condenado. Como se trata de um narrador em primeira pessoa, os sentimentos de Prókhorov são claros pelos movimentos da personagem: primeiro, ele empalidece ao ver o inspetor; depois de ouvir a sentença, fica em silêncio, os lábios brancos e trêmulos.

Prókhorov fica o tempo todo calado, aguardando o início das chibatadas, atormentado sem saber se está sendo castigado pelo homicídio ou pela tentativa de fuga. É despido em silêncio e, depois da primeira chibatada, não se altera em um primeiro momento, mas logo se contorce de dor e solta um urro. “Duas”, grita o inspetor, e o prisioneiro leva outra chibatada. O narrador passa a intercalar suas observações sobre Prókhorov, sua pele quase azul após as chibatadas, com a contagem do inspetor.

O intercalar da contagem com o narrador causa duas reações no leitor: a primeira é o aumento da tensão, reforçando o sofrimento, pois sabemos que serão noventa chibatadas, e, ao mesmo tempo, aproxima a realidade da punição. Recriar a situação

incluindo a contagem é uma forma de colocar o leitor no local para sentir o que o narrador sente a cada grito do inspetor e golpe desferido pelo carrasco.

A tensão aumenta com a descrição do sofrimento do condenado e o número de chibatadas:

[...] кажется, что с начала наказания прошла целая вечность, но надзиратель кричит только: "Сорок два! Сорок три!" До девяноста далеко. Я выхожу наружу.

Dir-se-ia que desde o princípio do suplício tinha passado uma eternidade, mas o inspetor ainda vai em: “Quarenta e duas! Quarenta e três!” Ainda faltam muitas para chegar às noventa. Vou para a rua [...] ⁷¹

O narrador enfim vai para a rua por não suportar presenciar o castigo, mas, distante, continua escutando os gritos de dor do condenado e os gritos do inspetor. Assim, ele redireciona o olhar, saindo do castigo em si e se voltando à reação das pessoas na rua. Os gritos saem do ambiente e invadem as ruas, afetando as pessoas, que deixam transparecer o medo no rosto e até na forma de andar.

Вот прошел мимо каторжный в вольном платье, мельком взглянул на надзирательскую, и на лице его и даже в походке выразился ужас.

Um deportado à paisana passa na rua, olha de relance para a sala dos vigilantes e no seu rosto e até no seu andar transparece o medo. ⁷²

É o medo constante, recorrente, que ronda Sacalina, que está sempre em silêncio e assombrada pelo barulho das correntes, que o narrador vê nas pessoas sempre em alerta com temor do que o inferno lhes irá trazer. Pode-se dizer que o deportado que passa na rua nesse momento não seja real, que ele não tenha passado pelo narrador durante a execução do castigo, entretanto a personagem funciona como um recurso narrativo para mostrar o terror e o medo que estão presentes na ilha e como isso pode ser visto no rosto e na forma de andar das pessoas. O narrador estende o seu próprio horror a uma personagem de fora. Ele não consegue permanecer no local assistindo à

⁷¹ **Остров Сахалин**, p. 371; **A Ilha de Sacalina**, p. 254.

⁷² *Ibidem*. A tradução mais próxima seria: “até no seu andar transparece o horror”.

cena, e seu horror é dividido com mais uma personagem, o que permite que o castigo saia dos limites e se amplie no ambiente como um todo.

Prókhorov não é como Egor, o prisioneiro que tem voz própria dentro da narrativa de Sacalina. Dessa vez, Tchékhev não abriu mão de sua posição como narrador, nem inventou uma situação como narrador em terceira pessoa onisciente, a exemplo do pequeno diálogo do condenado e sua esposa na isbá.

As descrições de Prókhorov são de suas reações no momento do castigo, Tchékhev não teve contato com ele antes. A partir de suas reações, o narrador passa sutilmente à onisciência, ao dizer que o condenado sente “uma incerteza que o atormenta”: a incerteza de não saber por qual crime está sendo punido, ao mesmo tempo que está exilado, e a certeza de que não voltará para sua terra natal, mas que o exílio, as constantes punições e o inferno serão perpétuos.

Quando o castigo acaba, Prókhorov não consegue andar, bate os dentes, tem o rosto amarelo, encharcado de suor e um olhar espavorido. Todavia, ao final da punição, o narrador não ousa trazer um sentimento para o condenado, como antes enxergou o medo em Prókhorov e nas pessoas caminhando. Agora ele apenas observa e descreve o corpo mutilado e sua fraqueza.

O narrador não descreve apenas o condenado, mas também as pessoas à sua volta, como o inspetor, com seu tom moralista e de deboche; o carrasco, que precisa parar para recuperar o fôlego a cada cinco chicotadas; e o enfermeiro, que entra ávido para ver o castigo e sente prazer no sofrimento do outro, dizendo:

– Люблю смотреть, как их наказывают! – говорит радостно военный фельдшер, очень довольный, что насытился отвратительным зрелищем. – Люблю! Это такие негодяи, мерзавцы... вешать их!

– Eu gosto de assistir a isto! – diz-me o enfermeiro militar, com um ar satisfeito, encantado por ter podido desfrutar deste repugnante espectáculo. – Gosto de ver isto! Estes vadios, estes crápulas... Deviam era ser todos enforcados!⁷³

---

⁷³ **Остров Сахалин**, p. 372, **A Ilha de Sacalina**, p. 255.

Mesmo assim, Tchékhev não condena moralmente nem Prókhorov nem o enfermeiro. Ele compreende a razão de o último sentir tanto prazer assistindo aos castigos e desejando a morte dos condenados:

От телесных наказаний грубеют и ожесточаются не одни только арестанты, но и те, которые наказывают и присутствуют при наказании. Исключения не составляют даже образованные люди. По крайней мере я не замечал, чтобы чиновники с университетским образованием относились к экзекуциям иначе, чем военные фельдшера или кончившие курс в юнкерских училищах и духовных семинариях. Иные до такой степени привыкают к плетям и розгам и так грубеют, что в конце концов даже начинают находить удовольствие в дранье.

Os castigos corporais endurecem e tornam cruéis não apenas os reclusos, mas também aqueles que os infligem ou presenciam. Nem sequer as pessoas cultas escapam à regra. De facto, não vi que funcionários com formação universitários reajam, perante os suplícios, de maneira diferente dos enfermeiros militares, dos alunos das academias ou dos seminários. Alguns habituam-se de tal modo ao chicote e à chibata, que se tornam duros como uma pedra e acabam por ter prazer na contemplação do espectáculo.⁷⁴

O narrador em terceira pessoa valoriza tanto a ação como as personagens, mas, ao contrário de Egor, o foco está nos castigos, de forma mais ampla. Assim, Prókhorov é aquele que é castigado, mas ele não é o centro da anedota. Tchékhev vê os castigos no prisioneiro, no carrasco, no enfermeiro, no homem que anda na rua, no som que será ouvido em toda Duí, nas pessoas que não sabem quem apanha, mas sabem que devem temer.

A anedota serve como uma vivência concreta de todos os dados que o cientista expôs ao longo do capítulo e, assim, ao individualizar e trazer de forma literária um evento do qual foi testemunha, Tchékhev constrói o inferno que é Sacalina. As chibatadas não se limitam somente ao castigo; elas se estendem de modo a afetar as pessoas ao redor. Novamente, o autor faz um movimento pendular que sai do macro,

---

⁷⁴ Остров Сахалин, p. 372; A Ilha de Sacalina, p. 256.

com a exposição dos castigos e seus dados; centra-se no micro, com um caso específico; e retorna ao macro, com a ampliação das consequências para a população.

3.4. O Humor de Tchékhov

Tchékhov é também conhecido pelo seu humor, pela ironia e o caráter tragicômico de seus textos. Segundo Cavaliere, é possível notarmos o seu humor desde os seus primeiros textos teatrais, nos quais o humor crítico e irônico relacionados a uma crítica social já estão presentes, bem como outra característica cômica do autor: a subversão e paródia dos gêneros.⁷⁵

Em *A Ilha de Sacalina*, o riso não tem tanto destaque e chega a ser condenado por Tchékhov mais de uma vez, pois não combina com Sacalina. Não só em Duí, como veremos no trecho abaixo, mas durante todo o livro, o narrador reforça o silêncio, o arrastar das correntes e o barulho do mar, como se fossem os únicos sons da ilha, caracterizando um silêncio de morte.

В Дуэ всегда тихо. К мерному звону кандалов, шуму морского прибоя и гудению телеграфных проволок скоро привыкает ухо, и от этих звуков впечатление *мертвой тишины* становится сильнее. Печать суровости лежит не на одних только полосатых столбах. Если бы на улице кто-нибудь невзначай засмеялся громко, то это прозвучало бы резко и неестественно. С самого основания Дуэ здешняя жизнь вылилась в форму, какую можно передать только в неумолимо-жестоких, безнадежных звуках, и свирепый холодный ветер, который в зимние ночи дует с моря в расщелину, только один поет именно то, что нужно. Бывает поэтому странно, когда среди тишины раздается вдруг пение дуйского чудака Шкандыбы.

Duí está constantemente mergulhada no silêncio. O ouvido habitua-se rapidamente ao arrastar compassado das correntes, ao rumor do fluxo das ondas e à vibração dos telegráficos; e são precisamente todos estes sons que aumentam a sensação de um *silêncio de morte*. Esse ar de severidade não se fica a dever apenas às riscas regulares dos postes. Se, de repente, alguém comesçasse a rir na rua, isso pareceria uma

---

⁷⁵ Arlete Cavaliere, **Teatro Russo: Percurso Para um Estudo da Paródia e do Grotesco**, São Paulo: Humanitas, 2009.

afronta grosseira e uma atitude pouco natural. Desde a sua fundação, a vida em Duí tomou uma forma que só pode ser traduzida por um som desesperado, atroz e implacável que só a canção do vento impetuoso, abominável e gelado, vindo do mar e soprando no barranco, consegue entoar. É por isso que ficamos tão surpreendidos ao ouvir, rompendo o silêncio, o canto de Chkandiba, o excêntrico de Duí.⁷⁶

O inferno em Sacalina é apresentado nos detalhes como o silêncio de morte e a ausência do riso no vento impetuoso, abominável e gelado. Não fazendo parte da caracterização do inferno, o riso seria “permitido” somente aos loucos ou àqueles que estão fora da ilha, como na cena do barco:

Спустившись потом вниз, я застал там веселое общество. Кроме командира и его помощников, в кают-компании находилось еще несколько пассажиров: молодой японец, дама, интендантский чиновник и иеромонах Ираклий, сахалинский миссионер, ехавший следом за мною на юг, чтобы оттуда вместе отправиться в Россию. Наша спутница, жена моряка-офицера, бежала из Владивостока, испугавшись холеры, и теперь, немного успокоившись, возвращалась назад. У нее был завидный характер. Достаточно было самого пустого повода, чтобы она закатилась самым искренним, жизнерадостным смехом до упада, до слез; начнет рассказывать что-нибудь, картавя, и вдруг хохот, веселость бьет фонтаном, а глядя на даму, начинаю смеяться и я, за мною о. Ираклий, потом японец. "Ну!" -- говорит в конце концов командир, махнув рукой, и тоже заражается смехом. Вероятно, никогда в другое время в Татарском проливе, обыкновенно сердитом, не хохотали так много. На другой день утром на палубе сошлись для беседы иеромонах, дама, японец и я. И опять смех, и недоставало только, чтобы киты, высунув морды из воды, стали хохотать, глядя на нас.

Quando descí para o interior do navio, encontrei uns alegres companheiros de viagem. Além do comandante e dos oficiais, estavam no salão alguns passageiros: um jovem japonês, uma senhora, um funcionário da Intendência e o padre Irakli, superior de um

---

⁷⁶ **Остров Сахалин**, p. 145-146; **A Ilha de Sacalina**, p. 102.

convento, que me seguia até o sul para depois viajarmos juntos pela Rússia. A nossa companheira de viagem, mulher de um oficial da Marinha, tinha fugido de Vladivostok, aterrorizada com um surto de cólera; mas, agora, um pouco mais tranquila, tinha decidido regressar. Era uma pessoa dotada de uma carácter invejável. O motivo mais insignificante bastava para a fazer rebentar em gargalhadas sinceras e joviais, ou melhor, em loucas gargalhadas que iam até às lágrimas. Começava a contar qualquer coisa, tartamudeando, e de repente o seu riso e a sua alegria jorravam em cascata; ao olhar para ela, eu também tinha vontade de rir, logo seguido pelo padre Irakli, e depois pelo japonês. “Vá lá”, acabava por dizer o comandante perdendo a compostura e também ele se deixando contagiar pelo riso. Aposto que no Estreito da Tartária, normalmente tão severo, nunca se tinha ouvido tantas gargalhadas. Na manhã seguinte, o padre superior, a senhora, o japonês e eu encontrámo-nos na coberta e começámos a conversar. E de novo estalou o riso; para completar o quadro, só faltou que as baleias tirassem a cabeça da água e também elas comessem a rir.⁷⁷

Essas cenas no barco são o oposto do que Tchékhov presencia na ilha. Em terra, não há espaço para o riso, mas no barco, longe da prisão, o riso surge como uma explosão contagiante que ninguém pode controlar. O narrador condena o riso, em Sacalina, porque para ele é falta de empatia com aqueles que estão aprisionados. Fazer uma festa ou rir na ilha é, para ele, um mau sinal, pois o que une todos ali não é o riso, mas o temor, a violência, o frio, a fome, o arrastar das correntes e o horror.

Некоторые авторы видели в Рыковском хороводы и слышали здесь гармонику и разудалые песни; я же ничего подобного не видел и не слышал и не могу себе представить девушек, ведущих хороводы около тюрьмы. Даже если бы мне случилось услышать, кроме звона цепей и крика надзирателей, еще разудалую песню, то я почел бы это за дурной знак, так как добрый и милосердный человек около тюрьмы не запоеет.

Alguns autores dizem ter visto pessoas que dançavam a ronda em Rikovskoie, e que ouviram sons de acordeão e canções alegres; eu não vi nem ouvi nada disso e não consigo imaginar raparigas a fazer uma

---

⁷⁷ Остров Сахалин, p. 198-199; A Ilha de Sacalina, p. 142-143.

farândola perto de uma prisão. E mesmo se, para além do tinido das correntes e dos gritos dos guardas, me tivesse sido dado ouvir uma canção alegre, teria visto nisso um mau sinal, porque é preciso uma pessoa não ter um pinga de caridade para se pôr a cantar ao pé de uma prisão.⁷⁸

Segundo Cavaliere, há nas peças de Tchékhov uma “exploração de toda ordem de contrastes, mais intensos e violentos, daí vem o grotesco para a captação do indivíduo na sociedade”¹ por meio das representações do cotidiano – o que podemos aplicar à narrativa de Sacalina. O grotesco não se constrói a partir da comicidade em um humor esdrachado e caricatural dos prisioneiros. No texto tchekhoviano, os heróis trazem um estudo da psicologia do homem, do tédio, da angústia e da imobilidade. A subversão do estilo e a crítica social de forma irônica aliam-se à incapacidade de movimentação e à falta de comunicabilidade das personagens, que dá o tom trágico em meio ao riso, ou seja, Tchékhov constrói uma tragicomédia em suas farsas. Mesmo com o uso do grotesco como forma de comicidade, ele já nos apresenta nas farsas o início dos traços que desenvolveria depois nas peças maiores, a tragicomédia, e revela a ambivalência na classificação dos gêneros na obra do dramaturgo.⁷⁹

Como dito anteriormente, desde antes de sua viagem, Tchékhov já dizia que a ilha era um lugar de sofrimentos terríveis, por essa razão não utiliza o humor como uma forma de construir o texto. Seria cruel e sem empatia, como ele mesmo diz, colocar o riso no inferno. Consequentemente, temos risos menores, que revelam uma comicidade grotesca, que incomoda, que quebra a expectativa de algo positivo ao retomar a dura realidade da colônia, utilizando a ironia, como no trecho abaixo:

Около палисадника прогуливаются барышни, одетые, как ангельчики; на них шьет каторжная модистка, присланная за поджог.

Junto do jardim, passeiam umas meninas, lindas como os amores, muito bem vestidas, cujo costureiro é um antigo incendiário.⁸⁰

⁷⁸ **Остров Сахалин**, p. 267; **A Ilha de Sacalina**, p. 189.

⁷⁹ Arlete Cavaliere, op. cit., p. 184.

⁸⁰ **Остров Сахалин**, p. 165; **A Ilha de Sacalina**, p.116. Aqui há um erro de tradução. O correto seria: “cuja costureira é uma antiga incendiária”.

Ou ainda a piada da qual ninguém ri. Caminhando na prisão de Voievodsk, Tchékhov encontra um prisioneiro que foi condenado por roubar igrejas e escuta o seguinte diálogo:

Когда кто-то из ходивших вместе со мной по камерам стал журить его за то, что он ограбил церковь, то он сказал: "Что ж? Богу деньги не нужны". И, заметив, что арестанты не смеются и что эта фраза произвела на всех неприятное впечатление, он добавил: "Зато я людей не убивал".

Quando uma das pessoas que percorria as celas comigo o repreendeu por ter saqueado a casa de Deus, respondeu: “Que mal é que isso tem? Deus não precisa de dinheiro”. Depois, notando que os companheiros não se tinham rido e que as suas palavras tinham provocado uma impressão desagradável, acrescentou: “Pelo menos nunca matei ninguém”.⁸¹

Em relação à paródia, Tchékhov brinca com os diferentes estilos. O amor é tratado de forma grotesca, com a ironia dos *vaudevilles* e do Romantismo. Ele zomba da “Margarida sacalinense”⁸², uma jovem filha de um deportado. A jovem “doce e bonita” passa seus dias na janela a pensar em “só Deus sabe”. O narrador recorre a uma personagem clássica da literatura (Margarida, de Goethe) e a personifica em uma filha de um criminoso enviada ao “fim do mundo”.

No início de sua carreira como dramaturgo, Tchékhov escreveu pequenas farsas, que se passam todas na província e têm como temas fatos banais e cotidianos, trabalhando de forma mais intensa a paródia – no sentido clássico da palavra, isto é, o de releitura, de um discurso paralelo aos estilos em voga na época. Segundo J. Guinsburg, “o elemento farsesco é utilizado com maestria para fixar e expor a tragicomédia das criaturas à luz de suas vaidades e de suas tolices”⁸³.

É o caso da zombaria do episódio de amor em Sacalina. O narrador diz que em Vladimirovka (posto no sul da colônia), houve um caso de amor e utiliza a forma clássica do *vaudeville* para apresentar as personagens. O prisioneiro Vukol Popov era um homem jovem e bonito que se apaixonou pela heroína (igualmente prisioneira),

⁸¹ **Остров Сахалин**, p. 155; **A Ilha de Sacalina**, p. 108.

⁸² **Остров Сахалин**, p. 222.

⁸³ Jacó Guinsburg, **Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou**, São Paulo: Perspectiva, p. 75.

Elena Tertichnaia, que também estava apaixonada por ele. Entretanto, como Popov era casado, Tertichnaia casou-se com outro. Popov se suicidou após saber do casamento de sua amada.

O narrador recria um diálogo entre as duas personagens, mas as juras de amor da heroína são realistas e explicitam a necessidade de um casamento na ilha:

Между тем Вукол объяснялся Елене в любви, умоляя ее жить с ним; она тоже искренно клялась в любви и при этом говорила ему:

– Приходи так – я могу, а жить постоянно – нет; ты женатый, а мое дело женское, должна я о себе подумать, пристроиться за хорошего человека.

Vukol fazia muitas juras de amor a Elena e suplicava-lhe que partilhasse a vida com ele: ela respondia-lhe com juras igualmente sinceras, mas dizia-lhe:

– Que venhas ter comigo assim, eu aceito; mas ir viver contigo, isso é que não! Tu és casado e eu sou como todas as mulheres. Tenho de pensar em mim, tenho de me encostar em um homem bom.⁸⁴

Antes de morrer, dizem que Popov, ao observar Elena, teria dito que as mulheres foram a causa de suas desgraças, sua condenação e morte⁸⁵.

Apesar do desfecho trágico do conto de amor, o narrador nos apresenta um diálogo imaginado por ele, recria uma cena em que contam a reação de Popov de forma literária e com arquétipos como o herói suicida e a heroína, ambos românticos. Esse tratamento paródico que Tchékhov dá às personagens no início da narrativa provoca um sorriso em um primeiro momento, mas logo a tragédia do casamento de Elena e, consequentemente, da morte de Popov recebem um tratamento trágico romântico.

Porém, em oposição a esse caso, Tchékhov também trata o amor de forma séria na ilha:

Как ни просто складываются на Сахалине незаконные семьи, но и им бывает не чужда любовь в самом ее чистом, привлекательном виде. В Дуэ я видел сумасшедшую, страдающую эпилепсией

⁸⁴ **Остров Сахалин**, p. 225-226; **A Ilha de Sacalina**, p. 161.

⁸⁵ Popov foi condenado por assassinar o amante da esposa. Cf. **Остров Сахалин**, p. 225; **A Ilha de Sacalina**, p. 160.

каторжную, которая живет в избе своего сожителя, тоже каторжного; он ходит за ней, как усердная сиделка, и когда я заметил ему, что, вероятно, ему тяжело жить в одной комнате с этой женщиной, то он ответил мне весело: "Ничего-о, ваше высокоблагородие, по человечности!" В Ново-Михайловке у одного поселенца сожительница давно уже лишилась ног и день и ночь лежит среди комнаты на лохмотьях, и он ходит за ней, и когда я стал уверять его, что для него же было бы удобнее, если бы она лежала, в больнице, то и он тоже заговорил о человечности.

Por muito rude que seja a forma como nasceu essa união em Sacalina, às vezes o amor também está presente na sua forma mais genuína. Conheci, em Duí, uma presidiária epiléptica totalmente privada de razão que vivia na isbá do companheiro, também presidiário; ele tratava-a com um zelo de enfermeira, e quando eu comentei que lhe devia ser difícil partilhar o quarto com ela, respondeu-me alegremente: "Não tem importância, Excelência, é uma questão de humanidade". Em Novo-Mikhailovka, encontrei uma mulher parálitica, há muito, das duas pernas, que vive noite e dia deitada em cima de um monte de farrapos no meio do quarto; o colono com quem morava cuida dela, e quando tentei convencê-lo de que seria mais cômodo mandá-la para o hospital, também me falou de humanidade.⁸⁶

Há duas diferenças narrativas nessas duas formas de retratar o amor. No conto dos dois prisioneiros, o narrador partiu de uma construção por meio da paródia, deu nome, passado e características aos heróis, Popov e Elena, além de criar diálogos entre os dois. Ao assumir um tom sério no segundo caso, o narrador não dá identidade aos dois casais, nem diálogo, nem uma cena como Popov observando Elena. O objetivo dele é retratar o "amor em sua forma genuína" em Sacalina e a humanidade dos presos, portanto ele descreve a situação sem interferência narrativa: há apenas a descrição da cena e o discurso indireto dos dois companheiros.

Apesar de tudo, o narrador também sabe rir de si mesmo. Mesmo que Tchékhov não crie caricaturas dos prisioneiros, logo no início ele se "traí" e sente medo dos

---

⁸⁶ **Остров Сахалин**, p. 280-281; **A Ilha de Sacalina**, p. 198.

prisioneiros, condenando a si próprio por essa reação. Ele é irônico em relação a si mesmo por ter medo dos prisioneiros:

Идешь мимо какой-нибудь постройки, тут каторжные с топорами, пилами и молотками. А ну, думаешь, размахнется и трахнет! [...] Или, бывало, рано утром, часа в четыре, просыпаешься от какого-то шороха, смотришь - к постели на цыпочках, чуть дыша, крадется каторжный. Что такое? Зачем? "Сапожки почистить, ваше высокоблагородие". Скоро я пригляделся и привык.

Passava em frente de um edifício em construção, e lá estavam os condenados munidos de machados, de serras, de martelos. “Agora é que é”, dizia eu para comigo, “ele vai tomar balanço e vai dar-me uma cacetada no crânio!” [...] Algumas vezes, muito cedo, cerca das quatro da manhã, um ligeiro ruído acordava-me... E o que é que eu via? Um condenado que se aproximava da minha cama em bicos de pés, retendo a respiração. O que era? O que é que ele me queria? “Engraxar-lhe as botas, Excelência.” Não tardei a acostumar-me com todas estas cenas.⁸⁷

Na segunda parte do livro, assim como no conto de Prókhorov, que ilustra a temática dos castigos, Tchékhov coloca uma tramoia cômica para ilustrar o tema das fugas. A cada prisioneiro foragido “capturado” são pagos 3 rublos. Os prisioneiros “fogem”, os guiliáks e os guardas os “capturam” e, como estão todos juntos no plano, eles dividem o valor da recompensa. A esperteza dos prisioneiros é cômica pela situação, mas é também uma crítica voltada ao sistema penal russo, que permite isso. O narrador descreve como engraçada a cena de um pequeno guiliák armado com uma vara, conduzindo seis, sete prisioneiros fortes capturados⁸⁸.

Segundo Georges Nivat, o riso em Tchékhov deriva de seu retrato do cotidiano e da impotência do homem diante de sua vida⁸⁹. Em *A Ilha de Sacalina*, Tchékhov não permite o humor, apesar de usá-lo em algumas situações, seja para nos lembrarmos da trágica situação de abandono da ilha, seja para tecer uma crítica social. Há, ainda, alguns casos em que o humor deixa transparecer o seu próprio preconceito, mesmo

⁸⁷ **Остров Сахалин**, p. 68-69; **A Ilha de Sacalina**, p.36.

⁸⁸ Cf. **Остров Сахалин**, p. 383; **A Ilha de Sacalina**, p. 264.

⁸⁹ Georges Nivat, **Vers la fin du mythe russe**, Paris: L'Âge d'Homme, 1988, p. 155.

tendo empatia para com os prisioneiros. De qualquer forma, mais do que nunca, o riso de Sacalina é um riso amarelo, desconcertado, que funciona mais como um choque dentro da tragédia do que como um alívio cômico.

3.4. O Mar e a Natureza no Narrador

Ao longo do texto, o narrador descreve a paisagem, a vegetação, o clima, os rios, o mar e os vilarejos, todavia sempre traz suas próprias impressões, seus sentimentos no momento e reflexões sobre a pobreza da ilha, as condições de habitação e as dificuldades climáticas. Como vimos no capítulo sobre o médico, a observação do narrador é importante para a fundamentação de seu estudo e, conseqüentemente, sua crítica à colônia penal. O texto está construído nas duas identidades do narrador – o médico e o escritor –, entretanto há um terceiro ponto importante que aparece como costura do livro, a natureza, que é um elemento da composição central na primeira metade e é também uma forma de união do objetivo e do subjetivo no texto⁹⁰.

Isso ocorre de duas formas: a primeira, do ponto de vista estrutural da narrativa, pois as descrições das paisagens se integram ao texto como transições entre novos lugares e pessoas, alinhando as partes de um todo; a segunda, no plano subjetivo, pois na ficção tchekhoviana, segundo Angelides, a natureza pode fazer “eco aos sentimentos humanos, estimula o fluxo dos pensamentos e acentua os enigmas da existência”⁹¹, compondo uma relação mundo/personagem. A natureza é um elemento constituinte da narrativa e não apenas um meio ou um cenário, fazendo justamente a ligação mundo/personagem.

As descrições da natureza são um embate constante entre ciência e literatura. De um lado, somos apresentados a tabelas de variação climática e pluvial mês a mês, às observações dos presídios e das colônias com um olhar científico de outro, aos conflitos do narrador ao observar principalmente o mar como uma de suas personagens ficcionais.

Enquanto aguardava o barco para Sacalina, Tchékhov observou o Amur. O narrador não sabia para onde ir, onde se hospedar, e sua agitação e medo são refletidos

---

⁹⁰ Antonio Candido, **O Observador Literário**, Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008, p. 28.

⁹¹ Sophia Angelides, op. cit., 226-227.

nas águas do rio. Na tradução direta, seria “torna-se melancólico”, como se o rio tivesse sentimentos:

Подул ветер, Амур нахмурился и заволновался, как море.
Становится тоскливо.

Levantou-se o vento, o Amur tornou-se sombrio e agita-se como o mar. A tristeza apoderou-se de mim.⁹²

O mar aparece na narrativa como refúgio, nas passagens em que o narrador se encontra sozinho e divaga. Ao mesmo tempo, o mar lhe traz uma angústia muito grande. No trecho a seguir, Tchékov recorda seus passeios pela ilha, quando caminhava até o farol que ficava acima do vale:

Чем выше поднимаешься, тем свободнее дышится; море раскидывается перед глазами, приходят мало-помалу мысли, ничего общего не имеющее ни с тюрьмой, ни с каторгой, ни с ссыльной колонией, и тут только сознаешь, как скучно и трудно живется внизу. Каторжные и поселенцы изо дня в день несут наказание, а свободные от утра до вечера говорят только о том, кого драли, кто бежал, кого поймали и будут драть; [...] и потом целый день слушаешь и говоришь о том, кто бежал, кого подстрелили и т. п. На горе же, в виду моря и красивых оврагов, всё это становится донельзя пошло и грубо, как оно и есть на самом деле. [...] Широкое, сверкающее от солнца море глухо шумит внизу, далекий берег соблазнительно манит к себе, и становится грустно и тоскливо, как будто никогда уже не выберешься из этого Сахалина. Глядишь на тот берег, и кажется, что будь я каторжным, то бежал бы отсюда непременно, несмотря ни на что.

Quanto mais se sobe, melhor se respira; o mar estende-se sob os nossos olhos e, pouco a pouco, deixamo-nos invadir por pensamentos que nada têm a ver com o presídio, com os trabalhos forçados ou com os colonos, e é aí que por fim se compreende quanto a vida que se leva lá em baixo é triste e dura. Os prisioneiros e os colonos, dia após dia, cumprem a sua pena, enquanto as pessoas livres conversam de manhã

---

⁹² **Остров Сахалин**, p. 46; **A Ilha de Sacalina**, p. 18.

à noite sobre um preso que foi chicoteado, sobre um outro que se evadiu, ou sobre um terceiro que foi recapturado e que vai ser chicoteado. [...] Depois, durante todo o dia, oiço falar e não falo de outra coisa que não seja de Fulano que se evadiu, de Sicrano que foi chicoteado, etc. Mas, no cimo desta montanha, tudo isso, perante a beleza do mar e dos vales soberbos, se torna grosseiro, trivial, insuportável. [...] O vasto mar, brilhando ao sol, murmura surdamente aos nossos pés, a margem distante chora por nós e sentimo-nos invadidos pela tristeza e pela angústia, como se nunca mais pudéssemos sair de Sacalina. Ao olhar para esta margem, parece-me que, se estivesse preso, faria tudo para me evadir, e nada me faria desistir desse projecto.⁹³

Para o narrador, a beleza do mar é aniquilada pelos recorrentes sofrimentos da colônia e assume uma imagem terrível. Ainda que seja belo, é o mar que separa o deportado de sua liberdade, perde sua beleza e se reconfigura como ameaçador.

Море на вид холодное, мутное, ревет, и высокие седые волны бьются о песок, как бы желая сказать в отчаянии: "Боже, зачем ты нас создал?" Это уже Великий, или Тихий, океан. На этом берегу Найбучи слышно, как на постройке стучат топорами каторжные, а на том берегу, далеком, воображаемом, Америка. Налево видны в тумане сахалинские мысы, направо тоже мысы... а кругом ни одной живой души, ни птицы, ни мухи, и кажется непонятным, для кого здесь ревут волны, кто их слушает здесь по ночам, что им нужно и, наконец, для кого они будут реветь, когда я уйду. Тут, на берегу, овладевают не мысли, а именно думы; жутко и в то же время хочется без конца стоять, смотреть на однообразное движение волн и слушать их грозный рев.

O mar é frio, agitado, ruge e as suas enormes ondas brancas desfazem-se na areia e parecem querer dizer: "Senhor! Por que razão nos criastes?" É já o Grande Oceano, o oceano Pacífico. Nesta margem do Naibu, ouve-se os sons dos machados dos prisioneiros que estão trabalhando no estaleiro; na outra margem, é a América, longínqua, imaginária. À esquerda, através da bruma, vislumbramos os cabos de

---

⁹³ **Остров Сахалин**, p. 117-118; **A Ilha de Sacalina**, 77-78.

Sacalina; à direita, mais cabos. Em redor, nem uma alma viva, nem um pássaro, nem uma mosca, e eu já nem sei para quem rugem as ondas, quem as escuta durante a noite, nem o que elas querem e, enfim, para quem irão rugir quando eu me for embora. O que se apodera de mim nesta costa não são ideias, mas sim uma meditação. Sinto-me angustiado, mas, ao mesmo tempo, gostaria de ficar aqui, tempos sem fim, a contemplar o movimento monótono das vagas e a ouvir seu rugido ameaçador.⁹⁴

Nesse trecho, o mar aparece como uma forma de isolamento do narrador e seu momento de reflexão sobre si mesmo e sobre sua ambiguidade por estar ali. Os problemas da prisão ficam no fundo de sua melancolia ao ouvir o rugido ameaçador.

No posto de Maúka, enquanto ele volta para a casa do secretário do departamento de polícia, local em que está hospedado, a natureza aparece como um prenúncio de algo ruim, quando uma angústia, refletida na natureza, apodera-se do narrador e a construção desse medo é dado pelo mar e pelo céu. Na casa, há uma pequena reunião e, após a partida dos convidados, Tchékhev recebe a notícia ruim que havia pressentido:

Мы разговорились; между тем наступил вечер, зажгли огонь. [...]. Было темно и тихо, море глухо шумело и звездное небо хмурилось, как будто видело, что в природе готовится что-то недоброе. [...] Когда во втором часу ушли гости и я лег в постель, послышались рев и свист. Это задул норд-ост. Значит, недаром с вечера хмурилось небо. Хоменко, придя со двора, доложил, что пароходы ушли, а между тем на море поднялась сильная буря. "Ну, небось вернутся! — сказал он и засмеялся. — Где им совладать?" [...] Утром было холодно и в постели, и в комнате, и на дворе. Когда я вышел наружу, шел холодный дождь и сильный ветер гнул деревья, море ревело, а дождевые капли при особенно жестоких порывах ветра били в лицо и стучали по крышам, как мелкая дробь. "Владивосток" и "Байкал", в самом деле, не совладали со штормом, вернулись и теперь стояли на рейде, и их

---

⁹⁴ Остров Сахалин, p. 232; A Ilha de Sacalina, p. 166.

покрывала мгла. Я прогулялся по улицам, по берегу около пристани; трава была мокрая, с деревьев текло.

Enquanto íamos falando, caiu a noite e acenderam-se as luzes. [...]. Estava escuro, o ar estava calmo e, no meio do silêncio, ouvia-se o ruído surdo do mar; o céu estrelado parecia fazer caretas, como se sentisse que a Natureza preparava uma cilada. [...] Já passava da uma da madrugada quando os convidados partiram e me fui deitar. De imediato, ouviu-se como que um silvo ou uivo: tinha-se levantado o vento leste. Era por isso que o céu tinha me parecido, desde a tarde, tão sombrio. Khomenko, que vinha da rua, informou-me de que as embarcações tinham levantado ferro, pouco antes de ter estalado uma violenta tempestade. “Provavelmente vão ter que voltar para trás”, disse a rir. “Como é que acha que eles vão poder passar?” [...]. Na manhã seguinte, fazia frio em todo o lado: na cama, no quarto, na rua. Quando saí, caía uma chuva gelada, as árvores dobravam-se com o vento, o mar rugia e, quando a borrasca era mais forte, as gotas da chuva fustigavam-nos o rosto e crepitavam nos telhados como escumilha. O *Vladivostok* e o *Baikal* “não conseguiram passar”, tinham regressado e estavam fundeados na baía, meio encobertos pela bruma. Passeei pelas ruas e ao longo da margem perto do embarcadouro; a relva estava encharcada e as árvores pingavam.⁹⁵

É na observação do mar que o narrador revela seus sentimentos, suas angústias e dúvidas como uma personagem do texto e não como o médico que precisa pagar um débito para com a medicina. Nos momentos em que o narrador busca refúgio e afasta seu pensamento da colônia, nas passagens em que ele revela o medo e a dúvida em relação a sua viagem, ele está sempre próximo das águas: o rio Amur, no início, enquanto espera o barco; e o mar, durante a travessia, na qual se identifica com Ulisses, e quando está na ilha, como nos dois exemplos acima.

---

⁹⁵ Остров Сахалин, p. 205; A Ilha de Sacalina, p. 146.

Capítulo 4 – O Inferno

И все в дыму, как в аду.

E tudo estava inundado de fumo como se fosse o Inferno.⁹⁶

Em uma carta de 9 de dezembro de 1890, após retornar a Moscou, Tchékhov escreve para Suvórin que “agora, na minha lembrança, Sacalina surge como um verdadeiro inferno”⁹⁷. É a partir dessa lembrança, da configuração de Sacalina como um inferno, que o escritor organiza suas anotações e inicia a publicação do livro três anos depois de seu retorno.

A palavra inferno (ад, em russo) é usada diversas vezes no livro, assim como três “imagens” sonoras são recorrentes: o silêncio, o barulho do mar e o arrastar das correntes, que o narrador associa ao barulho da morte.

As anedotas e suas observações sobre a ilha são construções subjetivas, sentimentais, do que é um inferno tanto para os habitantes como para o narrador. Entretanto, são também os dados objetivos, como as estatísticas, os dados sobre a alta prostituição, o abandono das autoridades e até o clima, que asseveram o inferno real.

O inferno em Sacalina não é apenas uma figura de linguagem, um recurso simbólico da tradição da literatura de viagem, mas um inferno que emerge como realidade ao concentrar-se nas narrativas da ilha. A sua construção não tem linhas sombrias, hiperbólicas, fantasmagóricas e nem a caracterização de prisioneiros e guardas como demônios. Seu inferno é real, é um inferno que o narrador vê, que se faz sonoro no barulho constante das correntes, no abandono da massa carcerária, no prazer do enfermeiro em ver os outros apanhando, nas famílias que vão para a ilha, “nos mortos que não voltam do cemitério”⁹⁸.

A partir de dois focos distintos, o narrador constrói o inferno real: o primeiro é quando ele narra as anedotas e centra-se na natureza e nas descrições, a partir da sua visão. O segundo é quando ele dá voz aos habitantes e, por meio de suas falas, há um mundo de morte e inferno.

⁹⁶ **Остров Сахалин**, p. 50; **A Ilha de Sacalina**, p. 29.

⁹⁷ Anton Tchékhov, op. cit., 2012, p. 319.

⁹⁸ **A Ilha de Sacalina**, p. 262.

4.1. O Inferno do Narrador

Ressaltando a perspectiva do narrador ao ter contato com os habitantes, temos o trecho em que ele salienta a falta de humanidade quando chega ao posto de Derbinskoie. Tchékhev se alojou em um celeiro improvisado bem próximo à prisão e narrou sua noite:

Было спокойно и в амбаре и у меня на душе, но едва я тушил свечу и ложился в постель, как слышались шорох, шёпот, стуки, плесканье, глубокие вздохи... Капли, падавшие с потолка на решетки венских стульев, производили гулкий, звенящий звук, и после каждого такого звука кто-то шептал в отчаянии: *"Ах, боже мой, боже мой!"* Рядом с амбаром находилась тюрьма. Уж не каторжные ли лезут ко мне подземным ходом? Но вот порыв ветра, дождь застучал сильнее, где-то зашумели деревья -- и опять глубокий, отчаянный вздох: *"Ах, боже мой, боже мой!"* Утром выхожу на крыльцо. Небо серое, унылое, идет дождь, грязно. От дверей к дверям торопливо ходит смотритель с ключами.

– Я тебе пропишу такую записку, что потом неделю чесаться будешь! – кричит он. – Я тебе покажу записку!

Эти слова относятся к толпе человек в двадцать каторжных, которые, как можно судить по немногим долетевшим до меня фразам, просятся в больницу. Они оборваны, вымокли на дожде, забрызганы грязью, дрожат; они хотят выразить мимикой, что им в самом деле больно, но на озябших, застывших лицах выходит что-то кривое, лживое, хотя, быть может, они вовсе не лгут. *"Ах, боже мой, боже мой!"* - вздыхает кто-то из них, и мне кажется, что мой ночной кошмар всё еще продолжается. Приходит на ум слово "парии", означающее в обиходе состояние человека, ниже которого уже нельзя упасть. За всё время, пока я был на Сахалине, только в поселенческом бараке около рудника да здесь, в Дербинском, в это дождливое, грязное утро, были

моменты, когда *мне казалось*, что я вижу крайнюю, предельную степень унижения человека, дальше которой нельзя уже идти.

O celeiro estava tranquilo e o meu coração também, mas, mal apaguei a vela e me meti na cama, comecei a ouvir coisas a roçar, murmúrios, choques, sussurros e suspiros profundos... As gotas que caíam nos assentos de palhinha das cadeiras vienenses produziam um ruído oco e sonoro, que logo era seguido por sussurros desesperados: *“Ah, meu Deus, meu Deus!”* A prisão ficava mesmo ao meu lado. Seriam os presos que estavam a escavar um túnel até o meu quarto? Depois aumentou a borrasca, a chuva tamborilava com mais força, as árvores tremiam e voltei a ouvir os mesmos suspiros profundos e desesperados: *“Ah, meu Deus, meu Deus!”*

De manhã saio para o alpendre. O céu está cinzento, triste, chove e o chão está enlameado. O inspetor vai de porta em porta, apressadamente, com o molho de chaves na mão.

– Vou-te dar um corretivo que vais ficar uma semana a esfregar as costas! – grita – Já vais ver o corretivo que te vou dar!

Estas palavras eram dirigidas a um grupo de uns vinte reclusos que, a avaliar pelas poucas frases que me chegavam aos ouvidos, se dizem doentes. Cobertos de farrapos enlameados e molhados até os ossos, tremem de frio. Pela mímica, tentam expressar que estão realmente mal, mas os rostos, paralisados pelo frio, transmitem qualquer coisa de falso, de mentiroso, embora possam de fato não estar inteiramente a mentir: *“Ah, meu Deus, meu Deus!”*, suspira um deles, e parece-me que o meu pesadelo noturno vai continuar. Penso na palavra “pária” e no que ela significa: pessoa que não pode cair mais baixo na sua condição social. Durante toda a minha permanência em Sacalina, os momentos *em que julguei* ver o último estágio, o grau máximo da humilhação humana, para além do qual nada mais há, foram aqueles que passei nos barracões dos exilados, perto da mina, nessa manhã chuvosa e lamacenta de Derbinskoie.⁹⁹

Segundo o narrador, durante a noite e no dia seguinte, os prisioneiros dizem “Ah, meu Deus, meu Deus”. Do ponto de vista narrativo, a repetição da frase intensifica

---

⁹⁹ Остров Сахалин, p. 166; A Ilha de Sacalina, p. 117-118, grifos nossos.

o sofrimento dos prisioneiros, e em uma tentativa de descrever os sentimentos, o narrador utiliza esse recurso da repetição, além das descrições do tempo (frio e chuva), as condições dos prisioneiros (enlameados e malvestidos) e sua própria impressão diante de tudo isso para transmitir o que ele define como o máximo da humilhação humana que já presenciou na condição de pária, o lugar mais baixo na condição social.

A mesma colônia foi batizada em homenagem a um carrasco assassinado por um prisioneiro de forma horripilante:

Следующее по тракту селение лежит на самой Тыми. Основано оно в 1880 г. и названо Дербинским в честь смотрителя тюрьмы Дербина, убитого арестантом за жестокое обращение. Это был еще молодой, но тяжелый, крутой и неумолимый человек. По воспоминаниям людей, знавших его, он всегда ходил в тюрьму и по улицам с палкой, которую брал с собой для того только, чтобы бить людей. Его убивали в пекарне; он боролся и упал в квашню и окровавил тесто. Его смерть вызвала среди арестантов всеобщую радость, и они собрали его убийце по мелочам 60 рублей.

Prosseguindo o caminho, chega-se à colônia seguinte, situada nas margens do Tym. Fundada em 1880, tem o nome de Derbinskoie, em homenagem a Derbín, inspector das prisões que, devido à sua crueldade, foi assassinado por um prisioneiro. Era um homem ainda novo, mas brutal, duro e inflexível. Segundo recordam as pessoas que o conheceram, deambulava sempre pelas ruas ou pela prisão de bastão na mão, de que só servia para acariciar as costas do próximo. Assassinararam-no numa padaria: lutou, caiu na amassadeira, e o seu sangue misturou-se com a massa. A sua morte causou grande regozijo aos detidos que reuniram sessenta rublos em moedas para oferecer ao assassino.¹⁰⁰

O carrasco assassinado era tão cruel e severo que as pessoas ficaram felizes com sua morte e ofereceram uma recompensa ao assassino; em contrapartida, as autoridades homenagearam o morto, batizando a colônia com seu nome. O assassinato em questão

---

¹⁰⁰ Остров Сахалин, p. 164; A Ilha de Sacalina, p. 115.

recebe um tratamento ainda mais infernal com a imagem da massa se misturando com sangue.

O horror do inferno passa pela percepção do narrador. Mesmo que seja uma narrativa que outros tenham lhe contado (assassinato de Derbin) ou que ele presencia (ação nas minas), o ponto de vista está centrado no narrador em primeira pessoa.

Outra forma de construção do inferno pelo narrador é por meio da natureza. Como visto no capítulo anterior, a natureza funciona, em Tchékhov, como um eco aos sentimentos, e aqui ela é também um recurso narrativo para essa construção do narrador. No momento em que ele se aproxima da ilha, há um incêndio:

Когда в девятом часу бросали якорь, на берегу в пяти местах большими кострами горела сахалинская тайга. Сквозь потемки и дым, стлавшийся по морю, я не видел пристани и построек и мог только разглядеть тусклые постовые огоньки, из которых два были красные. Страшная картина, грубо скроенная из потемок, силуэтов гор, дыма, пламени и огненных искр, казалась фантастическою. На левом плане горят чудовищные костры, выше них -- горы, из-за гор поднимается высоко к небу багровое зарево от дальних пожаров; похоже, как будто горит весь Сахалин. Вправо темною тяжелою массой выдается в море мыс Жонкьер, похожий на крымский Аю-Даг; на вершине его ярко светится маяк, а внизу, в воде, между нами и берегом стоят три остроконечных рифа - "Три брата". И всё в дыму, как в аду

Quando ancorámos, já passava das oito. A margem estava iluminada por cinco enormes braseiros: era a taiga em chamas. Através das trevas e da fumarada que caía na margem, não consegui distinguir nem o cais nem as casas, mas apenas entrever duas luzinhas vermelhas, entre as pálidas iluminações do Posto. O terrível quadro, incisivamente recortado na noite, composto pela silhueta das montanhas, pela fumarada, pelas chamas e pelas chispas das labaredas, parecia um cenário fantasmagórico. À nossa esquerda, flamejavam monstruosos braseiros, no cimo dos quais se avistava a montanha e, por trás desta, bem alto no céu, resplandecia uma aurora purpúrea iluminada pelos incêndios longínquos. Dir-se-ia que Sacalina estava a arder. À nossa direita, o Cabo Jonquièr avançava mar adentro a sua massa pesada e negra que se assemelha ao Aiu-Dag, na

Crimeia. No cimo, um farol lançava seus clarões, enquanto em baixo, na água, entre a margem e o local onde estávamos, se erguiam três rochedos pontiagudos: Os Três Irmãos. E tudo estava inundado de fumo como se fosse o Inferno.¹⁰¹

Ao aproximar-se da ilha, o narrador não consegue distinguir as casas, o cais ou o que constituiria uma cidade. Ele vê as luzes, as montanhas e tudo está sob as chamas, de forma que não há, nesse primeiro momento, vida e individualidade em Sacalina. De longe, a ilha é “uma sombra disforme na bruma”¹⁰² e ele julga estar no fim do mundo, sente como se fosse Ulisses ao aproximar-se do desconhecido.

Antes de se aproximar da ilha, a imagem que ele nos apresenta é de destruição por meio da natureza: o fogo, a fumaça que envolve a ilha, o mar agitado e a escuridão da noite. O narrador sabe, mesmo sem presenciar, que a colônia penal é um lugar de “sofrimentos intoleráveis”, o que lhe causa dúvida e temor. O narrador sente que se portou com leviandade¹⁰³, tem medo de ser expulso assim que chegar por não ter carta de recomendação¹⁰⁴, tem a impressão de não estar mais na Rússia¹⁰⁵, além de escutar que ninguém vai para Sacalina porque quer¹⁰⁶. Exceto Tchekhov. O narrador não só foi para Sacalina como planejou sua viagem, e suas angústias ao se aproximar da ilha refletem no mar, no céu, no fogo que consome a paisagem e na bruma que envolve como se fosse o inferno.

Para Evstratov, a paisagem é um reflexo da tragédia da ilha e o narrador a utiliza como evasão de seus próprios sentimentos diante dos sofrimentos que presencia¹⁰⁷, que, ao reconhecer isso tudo, olha para Sacalina com compaixão:

Должно быть, это своеобразно красиво, но предубеждение против места засело так глубоко, что не только на людей, но даже на растения смотришь с сожалением, что они растут именно здесь, а не в другом месте.

É possível que haja muita beleza em tudo isto; porém, o preconceito que tenho em relação a este lugar está tão profundamente enraizado

¹⁰¹ **Остров Сахалин**, p. 60; **A Ilha de Sacalina**, p. 28.

¹⁰² **A Ilha de Sacalina**, p. 21.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 19.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 18.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 25.

¹⁰⁷ A. N. Evstratov, *op. cit.*, p. 5.

em mim, que olho com compaixão não só as pessoas que lá vivem, mas também as plantas que tiveram a pouca sorte de nascer ali.¹⁰⁸

Como vimos no capítulo anterior, as descrições do narrador sobre a paisagem e o mar estão ligadas à revelação dos sentimentos do autor de modo que o inferno é mais subjetivo e mais fantasmagórico ao centrar-se na natureza. Entretanto, a pesquisa científica, o olhar do médico e as conversas com os habitantes da ilha aventam um inferno real.

4.2. Os Mortos Não Voltam do Cemitério

A segunda forma de composição do inferno é por meio das falas dos habitantes, que salientam essa realidade frisando que ninguém gosta de Sacalina; que não há felicidade ali; que ninguém é enviado para lá por suas boas ações; que foram abandonados por Deus etc. Conclui-se daí que os habitantes enxergam Sacalina como um lugar de morte e punição, em outras palavras, um inferno. Seria melhor chamar de purgatório, um lugar de passagem nesta viagem toda em direção ao inferno.

Para Tchudakóv, na obra de Tchékhov em geral, a individualidade tem um grande significado¹⁰⁹ para o texto, e o narrador tchekhoviano costuma focar-se em uma personagem para construir o ponto de vista que está no texto, portanto a representação do mundo em Tchékhov é por meio de uma consciência perceptiva concreta¹¹⁰. Cabe, pois, concluir que o narrador em primeira pessoa não permitiria a Tchékhov estabelecer uma narrativa do inferno do ponto de vista das outras personagens além do que ele nos apresentou como inferno para si mesmo. O recurso que lhe cabe é dar voz aos prisioneiros e transcrever sua fala para que eles possam também construir o ponto de vista deles sobre a ilha.

Evstratov também ressalta que em *A Ilha de Sacalina* a principal característica do Tchékhov artístico triunfa no texto: “a individualização de cada caso particular”¹¹¹ e ele o faz justamente ao trazer para o texto as anedotas, as falas e as observações dos habitantes de Sacalina. Em função disso, Evstratov sustenta que o inferno não é

¹⁰⁸ **Остров Сахалин**, p. 140; **A Ilha de Sacalina**, p. 97.

¹⁰⁹ Chudakov, Graffy, op. cit., p. 355.

¹¹⁰ Tchudakóv, **Poetika Tchekhova**, Moskva: Azbuka, 2016.

¹¹¹ Em russo: “индивидуализация каждого отдельного случая”. A. N. Evstratov, op. cit, p. 4.

metafórico¹¹², ele é real e emerge da narrativa quando concentra-se no narrador¹¹³, na natureza e, principalmente, no relato dos habitantes.

Logo no início de sua viagem, um médico que abrigou Tchékhev diz que Sacalina é uma terra maldita e amaldiçoada pelos guiliáks. A cena se passa em um almoço do escritor com um médico e um colono, L., que é proprietário de uma loja:

– Когда приблизительно идет здесь последний снег? – спросил я.

– В мае, – ответил Л.

– Неправда, в июне, – сказал доктор, похожий на Ибсена.

– Я знаю поселенца, – сказал Л., – у которого калифорнская пшеница дала сам-22.

И опять возражение со стороны доктора:

– Неправда. Ничего ваш Сахалин не дает. *Проклятая земля.*

– Позвольте, однако, – сказал один из чиновников, – в 82 году пшеница уродилась сам-40. Я это отлично знаю.

– Не верьте, – сказал мне доктор. – Это вам очки втирают.

За обедом же была рассказана такая легенда: когда русские заняли остров и затем стали обижать гиляков, то гиляцкий шаман проклял Сахалин и предсказал, что из него не выйдет никакого толку.

– Так оно и вышло, – вздохнул доктор.

– Em que altura é que aqui deixa de nevar? – perguntei.

– Em Maio – respondeu-me L.

– É falso, é em Junho – disse o doutor que era parecido com Ibsen.

– Conheço um colono – recomeçou L. – a quem o trigo da Califórnia semeado na sua propriedade rendeu vinte e duas vezes o seu peso.

Houve novo protesto da parte do doutor:

– Isso é falso. A vossa Sacalina não rende nada. *É uma terra maldita!*

– De qualquer maneira, permita-me que lhe diga – interveio um dos outros funcionários – em 1882 o trigo rendeu quarenta vezes o seu peso. Sei isso perfeitamente.

– Não acredite em nada disto! – disse-me o doutor. – Eles estão a querer enganá-lo.

---

¹¹² Ibidem, p. 4-5.

¹¹³ Finke, op. cit., p. 157.

Nesse mesmo almoço, contaram uma lenda segundo a qual, quando os russos ocuparam Sacalina, sem qualquer consideração pelos guiliáks, o seu xamane teria amaldiçoado a Ilha e profetizado que ela não lhes traria nada de bom.

– E foi isso mesmo que aconteceu... – suspirou o doutor.¹¹⁴

Ao mesmo tempo que é um questionamento da colonização, pois a personagem não acredita que tenha sido possível plantar algo com sucesso na ilha, ele diz que há uma maldição, como se dependesse de um xamã guiliák o fracasso da colonização. Tchékhev não dá muita atenção ao médico, mas sua inserção no texto é uma das várias formas pelas quais os habitantes aludem ao sofrimento presente na ilha.

Pequenas falas ao longo do texto também ressaltam o sentimento de um lugar indesejável, como veremos adiante. Ainda antes de desembarcar, um marinheiro diz ao narrador:

Провожал меня до шлюпки угрюмый матрос, который, как будто догадавшись, о чем мне хочется спросить его, вздохнул и сказал:
– По доброй воле сюда не заедешь!

Um marinheiro taciturno acompanhou-me quando regressei à chalupa. Como se tivesse adivinhado a pergunta que eu hesitava em lhe fazer, disse-me com um suspiro: – Ninguém vem aqui para viver de livre vontade.¹¹⁵

Também o general V.O. Kononovitch, comandante da ilha, recebe o escritor e o alerta:

Узнав, что я намерен пробыть на Сахалине несколько месяцев, генерал предупредил меня, что жить здесь тяжело и скучно. – Отсюда все бегут, – сказал он, – и каторжные, и поселенцы, и чиновники.

Percebendo que eu me dispunha a passar alguns meses na Ilha, preveniu-me de que a vida era difícil e monótona: – Toda gente quer

¹¹⁴ **Остров Сахалин**, p. 65-66; **A Ilha de Sacalina**, p. 33-34.

¹¹⁵ **Остров Сахалин**, p. 56; **A Ilha de Sacalina**, p. 25.

fugir daqui – disse-me ele –, sejam eles condenados, deportados ou funcionários.¹¹⁶

Na mitologia – grega, como a de Odisseu, ou cristã, como a da Rússia de Tchékhov –, o inferno é o lugar dos mortos, e é assim que as colônias penais são vistas, a exemplo do título do romance de Dostóievski, *A Casa dos Mortos*. À sociedade russa, Tchékhov também define os deportados como mortos, uma vez que o exílio é perpétuo. Os próprios deportados se enxergam assim e esperam sua morte “real”.

O inferno é o local onde não há Deus, onde não é possível viver e, principalmente, um local punitivo e amaldiçoado. Tanto no inferno bíblico como em uma prisão, o objetivo é separar da sociedade (ou do céu) aqueles que não foram “bons” e cometeram crimes, algo que os próprios prisioneiros reconhecem.

Durante o recenseamento, o narrador percebe que os deportados o enxergam como uma figura oficial e temem as represálias que podem se seguir depois de sua visita, questionando Tchékhov em relação aos seus objetivos. Uns acreditam que os subsídios serão cortados, outros, que a colônia mudará de local, mas “outros ainda, armando-se em cépticos, dizem que não é de esperar nada de bom, porque até Deus os abandonou; e dizem isso na esperança de que eu os conteste”¹¹⁷.

Além do abandono de Deus, os deportados também “declaram em coro: não é possível viver em Sacalina ‘de maneira nenhuma’”¹¹⁸. Como no inferno, ninguém foi enviado à ilha por suas boas ações, mas alguns encontram Deus na colônia, o que os tiraria do inferno cristão:

Одни ссыльные несут наказание мужественно, охотно сознаются в своей вине, и когда их спрашиваешь, за что они присланы на Сахалин, то обыкновенно отвечают так: "За хорошие дела сюда не присылают". Другие же поражают своим малодушием и унылым видом, ропщут, плачут, приходят в отчаяние и клянутся, что они не виновны. Один считает наказание благом, так как, по его словам, он только на каторге узнал бога, другой же старается убежать при первой возможности и, когда его ловят, отмахивается дубиной.

¹¹⁶ **Остров Сахалин**, p. 67; **A Ilha de Sacalina**, p. 34.

¹¹⁷ **Остров Сахалин**, p. 127; **A Ilha de Sacalina**, p. 86.

¹¹⁸ **Остров Сахалин**, p. 127; **A Ilha de Sacalina**, p. 86. Em russo: “и жители в один голос заявляют, что на Сахалине не проживешь ‘никаким родом’”.

Alguns deportados suportam os castigos com coragem, reconhecem sem pestanejar que são culpados e, quando lhes perguntam a razão de estarem em Sacalina, respondem normalmente: “Não mandam as pessoas para aqui pelas suas boas ações.” Outros surpreendem-nos pela sua pusilanimidade e pelo seu ar amedrontado; queixam-se, choram, entram em desespero, e juram que estão inocentes. Uns consideram que o castigo é um bem, porque, a acreditarmos nas suas palavras, foi preciso vir para a colónia penal para se encontrar com Deus; outro tenta evadir-se logo que a ocasião lhe permite e, quando tentam apanhá-lo, defende-se à bordoadas.¹¹⁹

Se a ilha de Sacalina é o inferno, a Rússia é o paraíso. O narrador nota que os habitantes idolatram a terra natal e falam “do continente com amor, com veneração e com a convicção que de que era lá que estava a verdadeira vida e felicidade.”¹²⁰ Como analisado no primeiro capítulo desta dissertação, nem Tchékhov nem os habitantes enxergam a ilha como parte da Rússia, e a terra natal é idealizada pelos exilados. Desse modo, o conjunto da narrativa coloca a ilha como não lugar. Como lugar de passagem, para os que podem sair, ou como lugar de passagem em direção ao inferno cristão. Um lugar de suspensão do tempo e do espaço.

Quando faz o recenseamento, uma importante pergunta para Tchékhov é o ano de chegada à ilha a fim de poder avaliar, como médico, a expectativa de vida no local. Entretanto, ele nota que, ao questionar a data, os habitantes demoram a responder, pois é o ano que deixaram de viver na terra natal que tanto idolatram para viver na prisão:

Восьмая строка: с какого года на Сахалине? Редкий сахалинец отвечал на этот вопрос сразу, без напряжения. Год прибытия на Сахалин – год страшного несчастья, а между тем его не знают или не помнят.

Na oitava linha, registrei o ano de chegada a Sacalina. É raro que me respondam de imediato, e sem esforço. O ano de chegada é um ano de

¹¹⁹ **Остров Сахалин**, p. 356-357; **A Ilha de Sacalina**, p. 245.

¹²⁰ **Остров Сахалин**, p. 266; **A Ilha de Sacalina**, p. 188. Em russo: “О материке они говорили с любовью, с благоговением и с уверенностью, что там-то и есть настоящая счастливая жизнь”.

terrível infortúnio e, por isso, ou fingem ignorá-lo ou já se esqueceram.¹²¹

O narrador também relata que uma jovem camponesa foi para Sacalina com a mãe para acompanhar o pai condenado e acabou se casando com um camponês proscrito, mas lamenta viver na ilha e sente saudades de casa, imaginando a colheita em sua terra natal¹²².

Eles estão isolados, completamente fora da Rússia, mortos para a vida que tinham antes, e esse isolamento geográfico era o objetivo do comitê de 1868, ao designar Sacalina como colônia penal oficialmente, afinal sua localização dificultaria a fuga:

Как на одно из главных и особенно важных преимуществ Сахалина, известный комитет 1868 г. указывал на его островное положение. На острове, отделяемом от материка бурным морем, казалось, не трудно было создать большую морскую тюрьму по плану: "кругом вода, а в середине беда", и осуществить римскую ссылку на остров, где о побеге можно было бы только мечтать.

Para o célebre comitê de 1868, uma das principais vantagens de Sacalina, e uma das suas superioridades primordiais, consistia no facto de ser uma Ilha. Numa terra isolada do continente por um mar tempestuoso, não parecia difícil criar uma grande prisão junto ao mar para responder ao princípio “mar sem redor, inferno no interior” e para realizar uma deportação à romana, para um lugar onde qualquer plano de evasão não passaria de um sonho.¹²³

Como a ilha se assemelha à península (tanto que gerou dúvidas nos primeiros exploradores europeus e russos), a fuga é ligeiramente menos difícil, o que diminui a evasão, como a própria administração local reconhece:

Нынешние чиновники сознаются, что если бы не страх перед физическими препятствиями, то, при разбросанности каторжных

¹²¹ Остров Сахалин, р. 77; A Ilha de Sacalina, р. 43.

¹²² Остров Сахалин, р. 63-64; A Ilha de Sacalina, р. 32.

¹²³ Остров Сахалин, р. 376; A Ilha de Sacalina, р. 259.

работ и слабости надзора, на острове оставались бы только те, кому нравится здесь жить, то есть никто.

Os funcionários de hoje reconhecem que, dada a dispersão das obras onde os presos trabalham, e a falta de vigilantes, se não fosse por medo dos obstáculos materiais da fuga, só ficariam em Sacalina os que gostassem de lá viver, ou seja, ninguém.¹²⁴

Não é exatamente fácil fugir de Sacalina e a possibilidade de fuga, segundo o narrador, é o que dá vida aos prisioneiros. Sem essa esperança, para Tchékhov¹²⁵, a taxa de suicídio poderia aumentar.

К общим причинам побегов следует отнести также пожизненность наказания. У нас, как известно, каторжные работы сопряжены с поселением в Сибири навсегда; приговоренный к каторге удаляется из нормальной человеческой среды без надежды когда-либо вернуться в нее и таким образом как бы умирает для того общества, в котором он родился и вырос. Каторжные так и говорят про себя: "Мертвые с погоста не возвращаются". Вот эта-то полная безнадежность ссыльного и его отчаяние приводят его к решению: уйти, переменить судьбу, -- хуже не будет! Если он бежит, то так про него и говорят: "Он пошел менять судьбу". Если его ловят и возвращают, то это называется так: не пофортунило, не пофортовало. При пожизненности ссылки побеги и бродяжество составляют неизбежное, необходимое зло и даже служат как бы предохранительным клапаном. Если бы была какая-нибудь возможность отнять у ссыльного надежду на побег как на единственный способ изменить свою судьбу, вернуться с погоста, то его отчаяние, не находя выхода, быть может, проявляло бы себя как-нибудь иначе и, конечно, в более жестокой и ужасной форме, чем побег.

Entre as causas gerais que motivam a evasão, há que acrescentar as penas de prisão perpétua. Como é sabido, na Rússia, a condenação a

¹²⁴ **Остров Сахалин**, p. 377; **A Ilha de Sacalina**, p. 260.

¹²⁵ Segundo Tchékhov, a taxa de suicídio na ilha caiu após a permissão de retornar à Sibéria ao tornar-se camponês proscrito. Cf. **Остров Сахалин**, nota 2, p. 262-263; **A Ilha de Sacalina**, p. nota 143, p. 306-307.

trabalhos forçados está associada ao exílio sem retorno na Sibéria. O deportado é afastado do seu meio humano normal para sempre e, deste modo, está morto para a sociedade onde nasceu e cresceu. Aliás, falando de si próprios, os condenados dizem: “Os mortos não voltam do cemitério.” E é esta ausência total de esperança, esta desolação, que leva o exilado a fugir, a querer mudar de vida. “Pior do que isto não pode ser”, pensa ele. Se foge, os outros dizem: “Foi-se embora, para mudar de vida.” Se é apanhado e o trazem de volta, comentam que “teve pouca sorte”. Como o exílio é definitivo, as evasões e a vagabundagem são um mal inevitável e necessário que servem de algum modo de válvula de escape. Se se tirasse a esperança de evasão ao exilado, que é o seu único meio de mudar de vida, de “voltar do cemitério”, o seu desespero manifestar-se-ia talvez, por não encontrar outra saída, de uma forma mais dura e mais terrível do que a fuga.¹²⁶

A colônia penal é mais que uma prisão para os deportados, é a sua maior aversão, de onde querem fugir desesperadamente, mas não conseguem com facilidade. A Rússia, para onde nunca poderão retornar, está ligada à felicidade, o que é ressaltado por Tchékhov, pelos cidadãos livres e funcionários da ilha. A partir das falas dos exilados e comentários do narrador, a relação entre Sacalina/inferno/tristeza/morte e Rússia/paraíso/felicidade/vida é explicitada:

О Сахалине, о здешней земле, людях, деревьях, о климате говорят с презрительным смехом, отвращением и досадой, а в России все прекрасно и упоительно; самая смелая мысль не может допустить, чтобы в России могли быть несчастные люди, так как жить где-нибудь в Тульской или Курской губернии, видеть каждый день избы, дышать русским воздухом само по себе есть уже высшее счастье.

Falam da terra, das pessoas, das aldeias e do clima de Sacalina com risos de desdém, com aversão, com desprezo, enquanto na Rússia tudo é maravilhoso e encantador. Até o espírito mais aberto seria incapaz de admitir que no seu país há pessoas infelizes, porque viver na região

---

¹²⁶ **Остров Сахалин**, p. 380; **A Ilha de Sacalina**, p. 262.

de Tula ou de Kursk, ver isbás todos os dias, respirar o ar da Rússia é, já em si, a maior das felicidades.¹²⁷

Para o narrador, a sensação em Sacalina é sempre de morte, e nem uma situação de festa torna o ambiente mais vivo. De maneira jocosa, ele diz que enfeitar a cidade para uma festa é ridículo, mas depois enxerga e aproxima o leitor da tristeza dos exilados, do sentimento de morte e ausência de vida que pairam sobre a ilha. Não importa a ocasião, uma prisão será sempre uma prisão.

Вечером была иллюминация. По улицам, освещенным площадками и бенгальским огнем, до позднего вечера гуляли толпами солдаты, поселенцы и каторжные. Тюрьма была открыта. Река Дуйка, всегда убогая, грязная, с лысыми берегами, а теперь украшенная по обе стороны разноцветными фонарями и бенгальскими огнями, которые отражались в ней, была на этот раз красива, даже величественна, но и смешна, как кухаркина дочь, на которую для примерки надели барышнину платье. В саду генерала играла музыка и пели певчие. Даже из пушки стреляли, и пушку разорвало. И все-таки, несмотря на такое веселье, на улицах было скучно. Ни песен, ни гармоники, ни одного пьяного; *люди бродили, как тени, и молчали, как тени. Каторга и при бенгальском освещении остается каторгой*, а музыка, когда ее издали слышит человек, который никогда уже не вернется на родину, наводит только смертную тоску.

À noite houve iluminações. Até altas horas, uma multidão de soldados, de deportados e de condenados deambulou pelas ruas iluminadas de lâmpadas e de fogos-de-bengala. A prisão ficou aberta. Naquele dia, o Duíka, habitualmente com um aspecto miserável, lamacento e de margens nuas, estava enfeitado pelo reflexo de tantas luzes, parecendo, pelo menos uma vez na vida, belo, majestoso, mas também ridículo, tal como uma criada de cozinha a quem tivessem enfiado um vestido da sua jovem patroa. No jardim do general, tocaram-se marchas militares e um coro cantou. Disparam-se salvas e o canhão ribombou. Mas, apesar destes festejos, as ruas transpiravam de aborrecimento. Não se ouviam canções, nem o som de um

---

¹²⁷ Остров Сахалин, p. 378; A Ilha de Sacalina, p. 261.

acordeão e não se via um único bêbedo. *As pessoas vagueavam como sombras, caladas como sombras.* Mesmo à luz do clarão dos fogos-de-bengala, *um presídio é sempre um presídio*, e a música que se ouve, ao longe, só suscita uma negra tristeza a um homem que está certo de não voltar a ver a sua terra.¹²⁸

É uma importante opção do narrador de retratar o inferno construído a partir da fala dos prisioneiros, pois o centro de seu trabalho são eles. Não é só o narrador quem vê Sacalina como inferno, quem se recorda de Sacalina como inferno, mas os deportados se enxergam como mortos no inferno e não há uma pessoa na ilha que goste e elogie o local. Sobre o distrito de Duí, que pode se aplicar à ilha toda, Tchêkhov o define como “um lugar terrível, monstruoso, abominável sob todos os pontos de vista, onde, para aí se viver de livre vontade, tem de ser santo ou profundamente corrupto”¹²⁹.

4.3. O Inferno Como Crítica Social

A Ilha de Sacalina é o mais objetivo dos trabalhos de Tchêkhov – especialmente a segunda parte – uma vez que ele recolheu dados antes da viagem; fez uma pesquisa de campo; recolheu informações por meio de recenseamento; e analisou as condições dos presídios, das isbás e das colônias. Contudo, os prisioneiros são o centro de seu trabalho¹³⁰ e a percepção de suas histórias e suas identidades não só são ilustrações para os problemas levantados cientificamente como ressaltam o artístico no texto documental.

A união da ciência e da literatura permite ao narrador fazer uma conclusão sobre a ineficiência do sistema penal russo. Portanto, a terceira construção do inferno é aquela que está na ciência, na observação do médico que, ao trazer o exilado para o centro do texto, tem argumentos para condenar violentamente a incompetência do governo e a ineficácia da colônia penal:

¹²⁸ **Остров Сахалин**, p. 71-71; **A Ilha de Sacalina**, p. 39. A tradução literal do trecho “который никогда уже не вернется на родину, наводит только смертную тоску” seria “àquele que nunca retornará a sua terra natal, desperta uma melancolia mortal”.

¹²⁹ **Остров Сахалин**, p. 139; **A Ilha de Sacalina**, 96. Em russo: “Дуэ, страшное, безобразное и во всех отношениях дрянное место, в котором по своей доброй воле могут жить только святые или глубоко испорченные люди.”

¹³⁰ A. N. Evstratov, op. cit, p. 5.

Тюрьма – антагонист колонии, и интересы обеих находятся в обратном отношении. Жизнь в общих камерах порабощает и с течением времени перерождает арестанта; инстинкты оседлого человека, домовитого хозяина, семьянина заглушаются в нем привычками стадной жизни, он теряет здоровье, старится, слабеет морально, и чем позже он покидает тюрьму, тем больше причин опасаться, что из него выйдет не деятельный, полезный член колонии, а лишь бремя для нее.

Prisão e colonização são situações antagônicas, porque os seus interesses são completamente opostos. A vida em dormitórios celulares escraviza o detido e, com o decorrer do tempo, arrasta-o para a degenerescência; por influência da vida gregária os seus instintos sedentários de bom chefe de família, de pai vão-se esfumando. Perde saúde, envelhece, a força moral enfraquece e ele se vem a tornar um peso morto e não um membro activo e útil de uma colónia.¹³¹

Tchékhov critica o abandono do estado e a falta de planejamento nos distritos da colônia, a exemplo dos trechos abaixo:

Сенокосов нет вовсе. А так как долина здесь узка и с обеих сторон стиснута горами, на которых ничего не родится, и так как администрация не останавливается ни перед какими соображениями, когда ей нужно сбыть с рук людей [...] Все избы здесь на одинаковый фасон. [...] Контроля над постройками со стороны администрации нет, вероятно, по той причине, что между чиновниками нет ни одного, который знал бы, как нужно строить избы и класть печи. По штату, впрочем, на Сахалине полагается архитектор, но при мне его не было [...]

O vale é estreito e está comprimido de ambos os lados por montanhas onde nada cresce. Mas a administração não toma nada disto em consideração, quando tem necessidade de se desembaraçar das pessoas. [...] Todas as isbás são idênticas. [...] A administração não exerce nenhuma espécie de controle sobre a construção, porque provavelmente não há um único funcionário que saiba como se contrói uma isbá ou como se monta uma estufa. No entanto, segundo o mapa

---

¹³¹ **Остров Сахалин**, p. 251-252; **A Ilha de Sacalina**, p. 179.

do pessoal de Sacalina, há um arquitecto que, durante a minha estada, nunca esteve presente...¹³²

Уже по количеству половинщиков, этих сверхштатных хозяев, видно, как много здесь лишнего элемента, не имеющего средств и возможности самостоятельно вести хозяйство, и как уже здесь тесно и голодно. Сахалинская администрация сажает людей на участки как-нибудь, не соображаясь с обстоятельствами и не заглядывая в будущее.

A quantidade de rendeiros – esses proprietários excedentários – demonstra, só por si, o elevado número de elementos “a mais” que não tem meios nem possibilidades de cuidar de uma fazenda e que a fome já se faz sentir. A administração de Sacalina distribuiu os colonos e as parcelas de terra ao acaso, sem ter em conta as circunstâncias e sem prever o futuro.¹³³

Ou no trecho em que ele questiona a construção de um túnel quando há questões mais urgentes, como a fome, a serem tratadas:

Мыс Жонкиер всею своею массой навалился на береговую отмель, и проезд по ней был бы невозможен вовсе, если бы не прорыли туннеля. Рыли его, не посоветовавшись с инженером, без затей, и в результате вышло темно, криво и грязно. Сооружение это стоило очень дорого, но оно оказалось ненужным, так как, при существовании хорошей горной дороги, нет нужды ездить по береговой, проезд по которой стеснен условиями отлива и прилива. *На этом туннеле превосходно сказалась склонность русского человека тратить последние средства на всякого рода выкрутасы, когда не удовлетворены самые насущные потребности.*

O Cabo Jonquièr domina, como toda a sua massa, os baixios do ribeiro e seria impossível atravessá-lo se não tivessem escavado um túnel. Mas fizeram-no sem consultar um engenheiro, construíram-no ao deus-dará e, por isso, é sombrio, sinuoso e sujo. O seu custo foi muito elevado e a sua utilidade é nula porque, dispondo-se de uma boa

¹³² Остров Сахалин, р. 131; A Ilha de Sacalina, р. 89.

¹³³ Остров Сахалин, р. 173; A Ilha de Sacalina, р. 123.

estrada de montanha, não há necessidade de utilizar a da beira-mar, cujo uso está condicionado pelo ritmo das marés. *Este tunél ilustra às mil maravilhas uma tendência tipicamente russa: a de gastar os últimos recursos com requintes despropositados quando ainda estão por satisfazer necessidades muito mais urgentes.*¹³⁴

Tchékhov avalia a exploração do carvão em Duí e conclui que ela favorece uma sociedade privada mais do que favorece ao Estado e aos habitantes de Sacalina:

В настоящее время дуйские копи находятся в исключительном пользовании частного общества "Сахалин", представители которого живут в Петербурге. [...] ужный для построек и работ строительный материал общество получает также бесплатно; ввоз всех предметов, необходимых для технических и хозяйственных работ [...] Чтобы исполнять принятые на себя обязательства и охранять интересы общества, казна содержит около рудников две тюрьмы, Дуйскую и Воеводскую, и военную команду в 340 человек, что ежегодно обходится ей в 150 тысяч рублей. [...] и не говоря уже о том, что, отдавая каторжных в услужение частному обществу за деньги, администрация исправительные цели наказания приносит в жертву промышленным соображениям, то есть повторяет старую ошибку, которую сама же осудила [...] И копиями, и трудом каторжных общество пользуется бесплатно. Оно обязано платить, но почему-то не платит [...].

Actualmente, as minas de Duí são exclusivamente exploradas por uma sociedade privada. “A Sacalina”, cujos representantes permanecem em São Petersburgo. [...] E a sociedade recebe ainda gratuitamente os materiais de construção necessários às suas instalações e está autorizada a importar, sem custos aduaneiros, todos os objetos necessários à implantação e à exploração das suas instalações técnicas e administrativas. [...] Para poder dar resposta aos compromissos que assumiu, e defender os interesses de “A Sacalina”, o Estado mantém duas prisões na proximidade das minas – a de Duí e a de Voievodsk –, bem como uma guarnição de trezentos e quarenta militares, que custa cento e cinquenta mil rublos por ano. [...] Sem falar ainda que,

---

¹³⁴ Остров Сахалин, p. 139-140; A Ilha de Sacalina, p. 96-97.

colocando os presos ao serviço de uma sociedade privada de onde recebe dinheiro, a administração da colônia sacrifica os princípios da regeneração dos detidos em favor de especulações industriais; quer dizer, comete mais uma vez o velho erro que ela mesma tinha denunciado. [...] “A Sacalina” desfruta graciosamente do produto das minas e do trabalho dos condenados. Comprometeu-se a pagar o trabalho dos presos, mas, não sabemos porquê, não desembolsa dinheiro nenhum.

No mesmo trecho em que condena a exploração das minas de carvão, Tchékhov faz uma análise dos trabalhos forçados, base da punição na colônia penal. A partir dos dados e observações recolhidos, ele avalia que o trabalho livre é muito mais produtivo do que o forçado. E salienta, ainda, que as condições de trabalho às quais os mineiros são submetidos criam um ambiente de degenerescência que não atinge nenhum dos objetivos da colônia penal: reabilitar um criminoso por meio do trabalho e ocupar um território de forma a trazer lucros para o Estado. Novamente, ele faz uma leitura do micro ao macro, e aponta que as condições de vida em Sacalina estão relacionadas aos interesses do grande capital.

В дуйских копях работают также поселенцы по вольному найму. Поставлены они в более тяжелые условия, чем каторжные. [...] Но, несмотря на все это, труд их гораздо производительнее каторжного – на 70 и даже 100%. Таковы преимущества вольнонаемного труда перед принудительным. Наемные рабочие выгоднее для общества, чем те, которых оно обязано иметь по контракту, и потому, если, как здесь принято, каторжный нанимает вместо себя поселенца или другого каторжного, то рудничная администрация охотно мирится с этим беспорядком. [...] Исключительная тяжесть рудничных работ заключается не в том, что приходится работать под землей в темных и сырых коридорах, то ползком, то согнувшись; строительные и дорожные работы под дождем и на ветре требуют от работника большего напряжения физических сил. И кто знаком с постановкой дела в наших донецких шахтах, тому дуйский рудник не покажется страшным. Вся исключительная тяжесть не в самом труде, а в обстановке, в тупости и недобросовестности всяких мелких

чинов, когда на каждом шагу приходится терпеть от наглости, несправедливости и произвола. Богатые чаи пьют, а бедняки работают, надзиратели у всех на глазах обманывают свое начальство, неизбежные столкновения рудничной и тюремной администраций вносят в жизнь массу дрызг, сплетней и всяких мелких беспорядков, которые ложатся своею тяжестью прежде всего на людей подневольных, по пословице: паны дерутся – у хлопцев чубы болят.

Entre os mineiros de Duí também há colonos que aí trabalham de livre vontade, em condições ainda mais penosas do que as dos prisioneiros. [...] o seu trabalho é muito mais produtivo do que o dos presos (entre 70 e 100%) e demonstra bem a diferença abissal que existe entre a mão-de-obra paga e a mão-de-obra forçada. Os trabalhadores assalariados dão muito mais lucro à sociedade do que aqueles que, por contrato, a empresa está obrigada a utilizar; por isso, quando um preso contrata os serviços de um colono, a administração não põe qualquer objecção a esta irregularidade. [...] A excepcional dureza dos trabalhos da mina não se deve ao facto de se trabalhar debaixo de terra, em corredores húmidos e escuros, de gatas ou de costas dobradas; as obras da construção civil e a abertura de estradas debaixo da chuva ou do vento exigem um esforço físico muito superior. Quem está familiarizado com as condições de trabalho da bacia do Donets não achará assim tão terríveis as minas Duí. O que é excepcionalmente duro não é o trabalho, mas o ambiente, a estupidez e a desonestidade dos militares de baixa patente que fazem com que, continuamente, os presos tenham de suportar a arrogância, a injustiça e a arbitrariedade. *Os ricos tomam chá, os pobres trabalham, e o vigilante engana abertamente os seus superiores.* Os conflitos inevitáveis entre a administração das minas e a do presídio dão origem a brigas, a boatos e a desordens sem fim, cujas consequências afectam sobretudo aqueles que delas dependem. *Como se costuma dizer, “a corda parte sempre pelo mais fraco”*.¹³⁵

Tchékhov não só condena as atividades na ilha, como propõe uma solução:

---

¹³⁵ Остров Сахалин, p. 149-153; A Ilha de Sacalina, p. 102-106.

Главное богатство Сахалина и его будущность, быть может, завидная и счастливая, не в пушном звере и не в угле, как думают, а в периодической рыбе.

A principal riqueza de Sacalina e o seu futuro – talvez feliz e invejável – não está, como se pensa, nem nas peles dos animais nem no carvão, mas na pesca sazonal.¹³⁶

Nos trechos em que Tchékhov critica o sistema penal russo, não há a utilização da palavra “inferno”. O narrador a reserva para as passagens em que concentra sua atenção nos moradores da ilha e em suas anedotas, além das reflexões sobre si próprio. Portanto, o inferno como crítica social é resultado de uma grande pesquisa científica na qual não cabe usar algo subjetivo como o inferno.

Por conseguinte, podemos concluir que a crítica social é resultado das duas identidades do autor e ela só é possível dentro do universo tchekhoviano por unir medicina e literatura, estatísticas e anedotas, objetivo e subjetivo, o inferno real na incompetência, arbitrariedade, opressão e violência do Estado e o inferno que emerge na narrativa das pessoas.

---

¹³⁶ **Остров Сахалин**, p. 314; **A Ilha de Sacalina**, p. 219.

Considerações Finais

Um questionamento que desperta no texto é o seu lugar dentre as outras obras do autor. Em uma primeira e rápida leitura, *A Ilha de Sacalina* parece não pertencer à obra de Tchékhov, entretanto podemos notar as grandes características e temáticas do escritor no texto. Na maioria de suas obras, o escritor se recusava a “fazer de sua obra um veículo de ideias sociais ou filosóficas normativas, como esperavam seus contemporâneos russos”¹³⁷. Assim, podemos concluir que a maior diferença entre *A Ilha de Sacalina* e o restante da obra de Tchékhov é a enunciação explícita de crítica social, mas nunca aos indivíduos, que ele busca sempre compreender, sejam eles o carrasco ou o prisioneiro.

Tchékhov abandona o narrador que apenas observa, tão caro a ele em outros textos, como apontado por Angelides, para questionar a utilização da ilha como colônia penal, uma vez que prisão e colônia são antagônicas e não trazem benefícios nem para o Estado, nem para a sociedade e nem para os deportados. Em seus outros trabalhos, Tchékhov se absteve de julgar, mas em *Sacalina*, ele condena a realidade social¹³⁸ a partir da construção das duas identidades do narrador: o médico e o escritor.

Tanto para Tchudakóv como para Angelides, o narrador tchekhoviano não assume o controle total da narrativa, é sempre deixado algo em aberto, um detalhe em evidência para que o leitor complete a imagem¹³⁹. Ainda que traga uma conclusão sobre a inutilidade da colônia penal, o narrador continua se abstendo de julgar os habitantes da ilha e termina suas anedotas de forma brusca, como em seus contos, para que o leitor possa tirar suas conclusões.

Conforme foi visto nesta dissertação, em *A Ilha de Sacalina*, o centro da estrutura literária está na posição do narrador e em como ele cria um universo a partir da sua percepção, e também abre espaço para a percepção do “outro” por meio das anedotas. Além do narrador, há sua ligação com a natureza e com as descrições que ele faz da ilha. Assim, a partir dessas duas construções – descrições e anedotas – o narrador é capaz de fazer críticas ao sistema.

---

¹³⁷ Sophia Angelides, op. cit., p. 184.

¹³⁸ Sophia Angelides, op. cit. p. 36.

¹³⁹ Sophia Angelides, op. cit., p. 224; Chudakov, Graffy, op. cit., p. 379.

A natureza é essencial por ser elemento central da composição do texto. Na primeira parte, é o movimento do narrador pela ilha que nos apresenta a colônia penal de Sacalina e suas descrições da natureza – principalmente do mar –, das prisões e dos distritos. As descrições estão ligadas às observações do médico, ao mesmo tempo que constroem um movimento psicológico profundo do narrador, revelando seus sentimentos ao observar a natureza. Já as anedotas dos habitantes da ilha são resultado da observação do narrador, que transformou a impressão concreta de suas visitas e entrevistas em um texto literário.

O narrador assume duas identidades no texto, o médico e o escritor, e suas ligações permitem as conclusões sobre o sistema penal, como vimos no capítulo 4. Daí a importância da narração em primeira pessoa, uma vez que, pela ideia de testemunho, há uma empatia mais fácil de ser despertada no leitor e uma confiança maior. As suas duas identidades estão na figura de um único narrador em primeira pessoa, a fim de permitir tanto uma realidade concreta no texto na identidade do médico como a ficção nas anedotas e reflexões do narrador.

Da ciência para a literatura, da população para o indivíduo, da natureza para uma casa, do macro para o micro, o narrador integra um texto objetivo com o subjetivo para fazer uma crítica ao sistema penal russo. É o mais objetivo, científico e documental dos trabalhos tchekhovianos, é ele quem presencia o horror, o inferno, e é com a combinação de uma ciência com dados objetivos, com sua avaliação médica aliada a uma construção literária que acontece uma condenação do sistema e não dos habitantes de Sacalina, criando uma empatia em relação a eles e um inferno criado pela administração autoritária e punitiva da Rússia.

Tão caro a Tchekhov, o humor está presente em seus textos de duas formas, uma pela paródia e outra pela comicidade interna. Na paródia, há uma subversão de um gênero, e o humor se dá muito mais na transgressão do gênero do que no conteúdo em si. Tchekhov utiliza os mesmos arquétipos para reconfigurá-los de forma cômica, como no caso de amor em Sacalina. A comicidade interna do autor está escondida, está em um subtexto, que marca o caráter tragicômico de suas peças e contos. A profundidade de seu trabalho está na capacidade de criar vários subtextos, algo que pode ser compreendido no silêncio, nas pausas, no “espelho secreto”, no *não dito*, na falta de ação das personagens, na dúvida e na mescla de gêneros.

Em *A Ilha de Sacalina*, o narrador condena o humor mais de uma vez, contudo não deixa de usá-lo, juntamente com a ironia, para reforçar a tragédia no texto. Os

prisioneiros que não sabem responder o ano em que chegaram e ficam em silêncio ou fazem pausas, e a compreensão do narrador, ao notar no *silêncio*, que o ano da chegada queria ser esquecido; e a idealização da Rússia como o paraíso e a construção do *não dito* e do espelho secreto – o que está por trás disso? O que está por trás do desejo de ir para a Rússia como o desejo de ir para Moscou em *As Três Irmãs*? A Rússia é a liberdade, é o passado antes do crime, da punição e do exílio, e é, em última instância, o perdão.

Em *A Dama do Cachorrinho*, *Ivánov* e *A Gaivota*, as personagens não têm ação nem o controle de seus destinos, assim como os exilados em Sacalina que, como punição, são literalmente privados do controle sob a própria vida e enviados a uma ilha até morrerem. Tchékhov menciona rapidamente a questão do suicídio em Sacalina e, na ausência de domínio sobre suas vidas, Ivánov e Trepliov cometem suicídio.

Do espelho secreto e do *não dito*, surge a dúvida. Em *Brincadeirainha* e em *A Corista*, não sabemos se as protagonistas foram enganadas ou não. O narrador não nos conta, seja ele em primeira pessoa, como em *Brincadeirainha*, ou em terceira, no caso de *A Corista*. E Egor era mesmo inocente? Cabe ao narrador nos informar sua inocência ou devemos ler como um estudo sobre a ilha, como o narrador sugere?

A mescla de ciência e literatura se configura principalmente nas duas identidades do escritor. Existe o médico e o literato, e um não existe sem o outro. Não há em *A Ilha de Sacalina* a ciência ou a arte, mas uma integração entre as duas.

Conforme pudemos observar nos últimos dois capítulos, Tchékhov deu uma importância muito grande aos habitantes da ilha. Essa preocupação com eles já é ressaltada antes mesmo da viagem, em suas cartas ao editor Suvórin, e se intensifica durante a viagem. O resultado é um texto que dá valor e traz à luz os deportados, os funcionários, os cidadãos livres e os grupos étnicos nativos da ilha.

Com exceção da principal atividade econômica da região, as demais reflexões do escritor e suas críticas ao governo russo estão voltadas ao indivíduo. O foco de seu texto e a construção do inferno são vínculos com os habitantes para evidenciar o sofrimento na ilha.

A riqueza de *A Ilha de Sacalina* está em colocar o indivíduo como foco da narrativa e, a partir de uma personagem, de uma individualidade que se junta a outra anedota e a outro indivíduo, poder tecer uma conclusão sobre a colônia penal. É justamente por isso que *A Ilha de Sacalina* não está distante das outras obras de Tchékhov, afinal todas elas se concentram na importância do indivíduo e no contexto

que envolve a compreensão do mundo arbitrário das pessoas sem ação, que se estende até a compreensão do leitor.

Antes de sua viagem, Tchékhov escreveu a Suvórin que Sacalina precisava ser conhecida, e assim o fez. A argumentação e a conclusão que Tchékhov apresenta sobre a colônia penal são direcionadas à ineficiência e à violência do Estado e conseguiram o que, para Laffitte, foi o resultado único e verdadeiro: chamar a atenção das autoridades e da população. Após a publicação do livro, os castigos corporais na ilha foram abolidos, uma comissão de inspeção foi enviada ao local e houve um plano para a construção de escolas e acomodações¹⁴⁰. O livro também serviu para reavaliar o sistema penal russo e as injustiças e arbitrariedades de juízes e tribunais¹⁴¹. Entretanto, Sacalina só deixou de ser colônia penal em 1906, dois anos após a morte do autor.

---

¹⁴⁰ Sophie Laffitte, *op. cit.*, p. 74.

¹⁴¹ Denise Sales, *op. cit.*, p. 8.

Bibliografia

Obras de Anton P. Tchékhev:

TCHÉKHOV, Anton P. **Ivánov**. Tradução de Arlete Cavaliere. São Paulo: Edusp, 2014.

_____. **A Gaivota**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **O Duelo**. Tradução de Marina Tenório. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. **Minha Vida**. Tradução de Denise Sales. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **A Ilha de Sacalina**. Tradução de Júlia Ferreira e José Cláudio. Lisboa: Relógio D'água, 2011.

_____. **O Jardim das Cerejeiras Seguido de Tio Vânia**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM. 2011.

_____. **O Beijo e Outras Histórias**. Tradução de Boris Schnaidermann. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **As Três Irmãs**. Tradução de Klara Gouriánova. São Paulo: Peixoto Neto, 2009.

_____. **A Dama do Cachorrinho e Outros Contos**. Tradução de Boris Schnaidermann. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Cartas a Suvórin (1886-1891)**. Tradução de Aurora F. Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Os Males do Tabaco e Outras Peças em Um Ato**. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ateliê, 2001.

_____. **Остров Сахалин: Очерки; Питерби записки; Рассказы**. Москва: Эксмо, 2009.

_____. **Остров Сахалин**. 1893. Disponível em: <lib.ru:http://lib.ru/LITRA/CHEH OW/sakhalin.txt.>. Acesso em: 12 ago. 2014.

Sobre A Ilha de Sacalina, de Anton P. Tchékhev:

DEWHURST, K. Anton Chekhov (1860-1904) – Pioneer in Social Medicine. **Journal of the History of Medicine and Allied Sciences**, January de 1955, pp. 1-16.

FUTRELL, M. Review: The Island: A Journey to Sakhalin, by Anton Chekhov. Translate by Luba and Michael Terpak. Introduction by Robert Payne. New York: Washington Square Press, 1967. 374 p. **Pacific Affairs**, 41, Spring de 1968, pp. 146-147.

MATLEY, I. M. Chekhov and Geography. **The Russian Review**, October de 1972, pp. 376-382.

MCCONKEY, J. Chekhov's Journey: A Writer Discovers the Ideal of Freedom in a Rugged Prison Colony. **The American Scholar**, Autumn de 2005, pp. 84-93.

MEDEIROS, G. (2008). Viagem ao Fim do Mundo: A Fronteira Entre Jornalismo e Literatura em Tchekhov. **Espéculo. Revista de estudios literarios**.

PERVUKHIN, N. The "Experiment in Literary Investigation" (Čexov's Saxalin and Solženicyn's Gulag). **The Slavic and East European Journal**, Winter de 1991, 35.

POPKIN, C. Chekhov as Ethnographer: Epistemological Crisis on Sakhalin Island. **Slavic Review**, 51, Spring de 1992, pp. 36-51.

SALES, D. R. A Ilha deTchékhov. **Anais... X SEL - Seminário de Estudos Literários: "Cultura e Representação"** (pp. 1-9). Assis, Unesp, 2012.

EVSTRATOV, A. N. “‘Ostrov Sakhalin’ A. P. Tchekhova Kak Sintez Khudojestvennosti I Publitsistiki”. Disponível em: <<http://docplayer.ru/65306127-Ostrov-sahalin-a-p-chehova-kak-sintez-hudozhestvennosti-i-publicistiki.html>>. Acesso em: 26 out. 2016.

GABDULLINA, V. I. “Struktura Narrativa V Knigue A. P. Tchekhova ‘Ostrov Sakhalin’: Arkhetipicheskie I Kulturnii Podtekst”. Disponível em: <http://www.philology.nsc.ru/elib/data/Narrativ_tradits_2014/35.Gabdullina_V.pdf> Acesso em: 26 out. 2016.

Sobre a obra de Anton P. Tchékhev:

ANGELIDES, S. A. P. **Tchékhov: Cartas Para uma Poética**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

BERNADINI, A. F. De Tchékhev a Pirandello. In: CAVALIERE, A. e VÁSSINA, Elena (orgs.). **Teatro Russo: Literatura e Espetáculo** (pp. 249-257). São Paulo: Ateliê, 2011.

CHUDAKOV, A. P. e Graffy, J. The poetics of Chekhov: the sphere of ideas. **Soviet Semiotics and Criticism: An Anthology**. Baltimore: The John Hopkind University Press, 1978, pp. 353-380.

FINKE, M. The Hero's Descent to the Underworld in Chekhov. **The Russian Review**, January 1994, pp. 67-80.

_____. **Seeing Chekhov: Life and Art**. Ithaca: Cornell University Press, 2005.

FREEDMAN, J. *Narrative Technique and the Art of Story-Telling in Anton Chekhov's "Little Trilogy"*. **South Atlantic Review**, 1-18, 1988.

GOTTLIEB, V. e ALLAIN, P. **The Cambrigde Companion to Chekhov**. Cambrigde: Cambrigde University Press, 2000.

GUINSBURG, J. **Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. **Stanislávski, Meirhold e Cia**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HODGSON, P. Metaliterature: An Excerpt from the Anatomy of a Chekhovian Narrator. **Pacific Coast Philology**, 1972, 36-42.

LAFFITTE, S. **Tchekhov par lui-même**. Paris: Les Éditions du Seuil, 1960.

MORAVCEVICH, N. Chekhov and Naturalism: From Affinity to Divergence. **Comparative Drama**, Winter de 1970-1971, pp. 219-240.

SHCHERBENOK, A. "Killing Realism": Insight and Meaning in Anton Chekhov. **The Slavic and East European Journal**, Summer de 2010, pp. 297-316.

TOLMATCHOV, V. O. Não Visual no "Drama Novo": Ibsen Maeterlink e Tchékhev. In: CAVALIERE, A. e VÁSSINA, Elena (orgs.). **Teatro Russo: Literatura e Espetáculo** (N. Silva, Trad., pp. 233-248). São Paulo: Ateliê, 2011.

TCHUDAKÓV, A. P. **Poetika Tchekhova**. Moskva: Azbuka, 2016.

Sobre a ilha de Sacalina:

GENTES, A. Sakhalin as Cause Célèbre: The Re-signification of Tsarist Russia's Penal Colony. **Acta Slavica Iaponica**, 32, pp. 2012, pp. 55-72.

_____. The Institution of Russia's Sakhalin Policy, from 1868 to 1875. **Journal of Asian History**, 2002, pp. 1-31.

_____. No Kind of Liberal: Alexander II and the Sakhalin Penal Colony. **Jahrbücher für Geschichte Osteuropas**, 2006, pp. 321-344.

YOUNG, S. J. Knowing Russia's Convicts: The Other in Narratives of Imprisonment and Exile of the Late Imperial Era. **Europe-Asia Studies**, 2013, 1700-1715.

Bibliografia Geral:

AMÉRICO, E. V. **Alguns Aspectos da Semiótica da Cultura de Iúri Lótman**. São Paulo, 2012.

AUERBACH, E. **Introdução aos Estudos Literários**. São Paulo: CosacNaify, 2015.

_____. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BARTHES, R. O Efeito de Real. **O Rumor da Língua** (pp. 181-190). São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. **Magia e Técnica, Arte e Política** (pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, A. **O Observador Literário**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. et alli. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CAVALIERE, A. **Teatro Russo: Percurso Para um Estudo da Paródia e do Grotesco**. São Paulo: Humanitas, 2009.

FRANK, J. **Between Religion and Rationality**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1991.

HAMBURGER, K. **A Lógica da Criação Literária**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

HOWE, I. **A Política e o Romance**. Tradução de M. Goldszajn. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEITE, L. C. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 1999.

LEJEUNE, P. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseaus à Internet**. Tradução de J. M. Gerheim Noronha e M. I. Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LIMA, L. C. **Terra Ignota: A Construção de "Os Sertões"**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LO GATTO, Ettore. **Storia della letteratura russa**. Firenze: Samsoni, 1950.

LOTMAN, I. **Sobre o "Realismo" de Gógol**. Tradução de E. Volkova, 1993.

_____. **La semiosfera** (Vol. I-III). Tradução de D. Navarro. Madrid: Frónesis/Cátedra Universitat de València, 1996.

LUKÁCS, G. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **A Prosa do Mundo**. Tradução de P. Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

NIVAT, G. **Vers la fin du mythe russe: essais sur la culture russe de Gogol à nos jours**. Paris: L'Âge d'Homme, 1988.

PROPP, V. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ROBERT, M. **Romance das Origens, Origens do Romance**. Tradução de A. Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ROSENFELD, A. O Fenômeno Teatral. **Texto/Contexto** (5ª ed., pp. 21-43). São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **Texto/Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SCHNAIDERMAN, B. **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SCHWARZ, R. **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Editora 34, 2000.

SHUR, L. A. **Relações Literárias e Culturais Entre Rússia e Brasil**. Tradução de V. Namestnikov. São Paulo: Perspectiva, 1986.

SLONIM, M. Los Comienzos del Teatro de Arte de Moscú. **El teatro ruso: del Imperio a los Soviets** (pp. 76-106). Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, s.d.

_____. Los orígenes del teatro ruso. **El teatro ruso: del Imperio a los Soviets** (pp. 1-19). Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, s.d.

TODOROV, T. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **Teoria da Literatura: Textos dos Formalistas Russo**. São Paulo: Unesp, 2003.

UNDERWOOD, D. **Journalism and the Novel: Truth and Fiction, 1700-2000**. New York: Cambridge University Press, 2008.

VOINOVA, N.; STARETS, S.; VERKHUCHA, V. e ZDITOVETSKI, A. **Dicionário Russo-Português**. Moscou: Edições "Russki Yazik", 1989.

WATT, I. **The Rise of the Novel: Studies in Defoe, Richardson and Fielding**. Londres: Random House, 2000.

Anexo 1: Rússia (Moscou e Ilha de Sacalina) 1:1000km

Anexo 2: Ilha de Sacalina 1:100km